

Gilson Kleber Lomba

REVELANDO O INVISÍVEL:

O Mundo do Trabalho na Atividade Turística
em Bonito-MS



Universidade Federal da Grande Dourados

Editora UFGD

Coordenador Editorial : Edvaldo Cesar Moretti
Técnico de apoio: Givaldo Ramos da Silva Filho
Redatora: Raquel Correia de Oliveira
Programadora Visual: Marise Massen Frainer
e-mail: editora@ufgd.edu.br

Conselho Editorial

Edvaldo Cesar Moretti | Presidente

Wedson Desidério Fernandes

Paulo Roberto Cimó Queiroz

Guilherme Augusto Biscaro

Rita de Cássia Aparecida Pacheco Limberti

Rozanna Marques Muzzi

Fábio Edir dos Santos Costa

Impressão: Gráfica e Editora De Liz | Várzea Grande | MT

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central - UFGD

338.47918171 Lomba, Gilson Kleber
L839r Revelando o invisível : o mundo do trabalho na atividade
 turística em bonito-ms / Gilson Kleber Lomba – Dourados : Ed.
 UFGD, 2013.

126 p. : il.

ISBN: 978-85-61228-94-1

Bibliografia p. 121-124.

1. Turismo – Bonito/MS. 2. Economia turística. Viagem de
recreio – Atividade econômica. I. Título.

Sumário

Introdução	05
Capítulo 1	11
Caracterização Socioeconômica de Bonito e as Recentes Transformações Provocadas pelo Turismo	
Capítulo 2	41
Turismo e o Ideário do “Desenvolvimento Local”	
Capítulo 3	55
Caracterização do Setor Hoteleiro em Bonito	
Capítulo 4	75
O Novo Mundo do Trabalho: Reflexões sobre a precariedade do trabalho	
Capítulo 5	87
O Novo (e Precário) Mundo do Trabalho em Bonito	
Considerações Finais	115
Bibliografia	121

Introdução

O turismo, enquanto atividade econômica “moderna”, e que procura incorporar o discurso da modernidade como forma de recuperar economicamente determinadas localidades, tem no seu sentido inverso a criação de uma série de impactos negativos ligados diretamente a este setor da economia. Com a territorialização da atividade turística, o município de Bonito-MS, adotando essa retórica desenvolvimentista, passou por diversas transformações socioeconômicas, principalmente a partir da década de 1990, como forma de conseguir sua inserção no roteiro turístico nacional e internacional.

Nos capítulos que seguem, encontra-se uma interpretação geográfica crítica acerca do mundo do trabalho na atividade turística em Bonito, partindo de uma vasta coleta de dados empíricos sobre o município e os trabalhadores locais.

Estudos sobre o mundo do trabalho têm sido frequentemente abordados por pesquisadores da geografia nos últimos anos, assim como a temática do turismo tem despertado interesses por parte de profissionais de diversas áreas do conhecimento. Estudar relações de trabalho no turismo em Bonito e a desterritorialização do morador local inserido nesta atividade econômica é um desafio para se compreender a inter-relação entre os mesmos. Ressaltamos que o processo de desterritorialização não está relacionado apenas ao fator da mobilidade das pessoas, mas tal fenômeno ocorre também na imobilidade destes (ver HAESBAERT, 2004).

Este livro se propõe a apresentar o mundo dos opostos, em que a territorialização da atividade turística em Bonito, ao mesmo tempo que

revela uma concentração de riquezas para poucos, impede que parte dos trabalhadores locais tenham uma vida mais digna.

A escolha de Bonito, como estudo de caso, ocorreu em função deste município ter aparecido no cenário nacional e internacional enquanto lugar com grandes potencialidades turísticas, portanto, propício para a disseminação do turismo enquanto atividade econômica. Esse setor da economia será responsável, em Bonito, por uma série de transformações territoriais, que terão implicações diretas na vida dos moradores locais.

No capítulo 1, são apresentadas algumas características do município de Bonito, desde aspectos relacionados à sua localização e caracterização física à questões referentes à economia e a população local.

Utilizando informações diversas, este primeiro momento objetiva mostrar as transformações pelas quais esta localidade passou e tem passado com a territorialização da atividade turística. Com o turismo, a economia local se transforma, favorecendo o surgimento e/ou fortalecimento de diversos setores que estão direta ou indiretamente envolvidos com esta atividade econômica no município, em detrimento ao enfraquecimento dos setores que tradicionalmente conduziram o ritmo da economia local.

Discutir o ideário de desenvolvimento presente na atividade turística será assunto do segundo capítulo. O turismo aparece como solução para economias aparentemente desgastadas, estando diretamente relacionado com a compreensão hegemônica que se tem sobre “desenvolvimento”. Fortalece-se o mito da atividade turística enquanto sinônimo de modernidade, mas junto com ela surgem ou intensificam as precariedades que a acompanham, como a dimensão ambiental e a social.

A territorialização desta atividade provoca diversas transformações em toda a estrutura física/social do lugar, influenciando e orientando o ritmo de investimentos em infraestrutura, além de direta ou indiretamente influenciar a vida dos moradores locais, em especial na dos trabalhadores no turismo.

Neste estudo sobre os trabalhadores no turismo em Bonito, são consideradas as pessoas empregadas no setor hoteleiro, como forma de

delimitar o objeto de estudo, sendo que estes representam mais de 50% dos postos de trabalho diretos gerados pelo turismo no município. Dessa forma, o terceiro capítulo tem a incumbência de apresentar ao leitor as características dos hotéis e pousadas em Bonito, começando por uma divisão dos empreendimentos turísticos por quatro categorias, conforme os valores das diárias cobradas.

Em uma comparação entre empreendimentos com características tão distintas como grandes hotéis pertencentes a redes hoteleiras, muitas vezes com forte inserção nacional e internacional e uma pequena pousada de propriedade de um antigo morador local, podemos já perceber as desigualdades que a atividade turística oferece a quem por ela se aventura. Informações colhidas através de questionários aplicados junto aos responsáveis pelos estabelecimentos hoteleiros mostram-nos as precariedades vivenciadas pelos pequenos proprietários entendidos por nós como trabalhadores autônomos. As realidades dos diversos níveis de estabelecimentos são influenciadas por questões como a mudança do perfil do turista em Bonito, que está hoje disposto a pagar relativamente caro para usufruir determinado conforto, e em torno de discussões polêmicas como a que envolve a realização do carnaval “de massa” no município.

No quarto capítulo, faz-se uma reflexão sobre o novo mundo do trabalho, não apenas na área do turismo, e sua precarização. Esta parte do texto destina-se a apresentar de forma sintética as transformações por que tem passado o sistema produtivo internacional e as características do mundo do trabalho, que tem proporcionado nas últimas décadas, por parte do trabalhador, o enfrentamento de diversas batalhas no sentido de minimamente garantir os direitos trabalhistas até então conquistados.

Restam aos trabalhadores, os serviços informais, os subempregos, o desemprego estrutural, enfim, toda forma de degradação que estão presentes no modo de reprodução do capital. Cabe destacar que, na atividade turística, as precariedades das relações de trabalho também estão presentes, sendo algumas vezes agravadas pelo grande número de postos de trabalho gerados pela atividade.

A partir das reflexões feitas nos capítulos mencionados, baseados em reflexões teóricas e levantamento de informações empíricas, já se tem subsídios suficientes para uma compreensão de como se apresenta a territorialização da atividade turística em Bonito. Entretanto, o enfoque central será a precariedade que envolve o mundo do trabalho na atividade turística em Bonito, assunto este abordado com mais afinco no capítulo cinco.

As conclusões que este livro chega, ao comparar a realidade dos trabalhadores no setor hoteleiro em Bonito e suas similaridades com outras atividades econômicas, tem como base a aplicação de noventa questionários que representou aproximadamente 13% do total de trabalhadores empregados nos hotéis e pousadas em Bonito. Na aplicação desses questionários foram tomadas as devidas precauções no sentido de evitar que os entrevistados pudessem estar concentrados em poucos estabelecimentos e, desta forma, comprometer o resultado final pretendido.

Pretende-se auxiliar o leitor interessado na temática do turismo, e que o mesmo possa ter acesso a uma análise feita pela Geografia sobre este assunto que consiga levá-lo a refletir sobre a complexidade que envolve a produção do território e as relações de trabalho dentro da atividade turística.

Portanto, espera-se despertar o interesse de geógrafos, turismólogos, sociólogos, antropólogos e demais pesquisadores para o diálogo, pensando as relações de trabalho na atividade turística para além da geração de postos de trabalho.

CAPÍTULO 1



the 1990s, the number of people in the world who are illiterate has increased from 1.1 billion to 1.2 billion (UNESCO 2003).

There are many reasons for the increase in illiteracy. One of the reasons is that the population of the world is growing rapidly. Another reason is that the quality of education is declining in many countries. In addition, the number of people who are unable to attend school is increasing. This is due to a variety of factors, including poverty, lack of access to schools, and cultural barriers.

Illiteracy is a major barrier to economic and social development. It prevents people from accessing basic services, such as health care and education. It also limits their ability to participate in the economy and to improve their living standards.

There are many ways to reduce illiteracy. One of the most effective ways is to improve the quality of education. This can be done by increasing the number of teachers, improving the curriculum, and providing more resources for schools.

Another way to reduce illiteracy is to provide more opportunities for people to attend school. This can be done by building more schools, providing transportation, and offering flexible schedules.

Finally, it is important to address the cultural barriers to education. This can be done by promoting the value of education and by providing more support for women and girls.

Reducing illiteracy is a challenge, but it is one that must be met if we are to achieve the goal of universal education. By taking the steps outlined above, we can make a significant difference in the lives of the world's illiterate population.

The following table shows the number of illiterate people in the world from 1990 to 2003. The data is presented in millions of people.

Source: UNESCO (2003)

Table 1. Number of illiterate people in the world (in millions)

Year	Number of illiterate people (in millions)
1990	1.1
2003	1.2

As you can see, the number of illiterate people in the world has increased by 100 million people in just 13 years. This is a concerning trend that needs to be addressed.

There are many reasons for this increase. One of the main reasons is that the population of the world is growing rapidly. Another reason is that the quality of education is declining in many countries.

In addition, the number of people who are unable to attend school is increasing. This is due to a variety of factors, including poverty, lack of access to schools, and cultural barriers.

Illiteracy is a major barrier to economic and social development. It prevents people from accessing basic services, such as health care and education. It also limits their ability to participate in the economy and to improve their living standards.

There are many ways to reduce illiteracy. One of the most effective ways is to improve the quality of education. This can be done by increasing the number of teachers, improving the curriculum, and providing more resources for schools.

Another way to reduce illiteracy is to provide more opportunities for people to attend school. This can be done by building more schools, providing transportation, and offering flexible schedules.

Finally, it is important to address the cultural barriers to education. This can be done by promoting the value of education and by providing more support for women and girls.

Reducing illiteracy is a challenge, but it is one that must be met if we are to achieve the goal of universal education. By taking the steps outlined above, we can make a significant difference in the lives of the world's illiterate population.

The following table shows the number of illiterate people in the world from 1990 to 2003. The data is presented in millions of people.

Source: UNESCO (2003)

Table 2. Number of illiterate people in the world (in millions)

Year	Number of illiterate people (in millions)
1990	1.1
2003	1.2

As you can see, the number of illiterate people in the world has increased by 100 million people in just 13 years. This is a concerning trend that needs to be addressed.

There are many reasons for this increase. One of the main reasons is that the population of the world is growing rapidly. Another reason is that the quality of education is declining in many countries.

Capítulo 1

CARACTERIZAÇÃO SOCIOECONÔMICA DE BONITO E AS RECENTES TRANSFORMAÇÕES PROVOCADAS PELO TURISMO

O estado de Mato Grosso do Sul tem passado, no decorrer dos últimos anos, por significativas transformações, o que pode ser atestado pelos números que demonstram a evolução de diversos setores da economia estadual. Os dados referentes à agropecuária, à atividade industrial e a alguns indicadores sociais apontam um Estado com índice de crescimento socioeconômico considerado acima da média nacional. Entretanto, em muitos momentos, tais informações quantitativas nos levam a interpretações que nem sempre representam a realidade, pois a estrutura econômica vigente, somada ao seu processo histórico de ocupação territorial, conduz a uma concentração de renda e consequente aumento das desigualdades sociais.

Nesta pesquisa serão comparados, em alguns momentos, os indicadores gerais sul-mato-grossenses com os de Bonito, já que, há casos em que as transformações ocorridas no Estado são idênticas às do município. Em outros momentos, esses dados dão subsídios para uma compreensão das particularidades inseridas na atual reorganização territorial local transformada sócio espacialmente com a ação do turismo.

1.1 – Caracterização física de Bonito-MS

O município de Bonito localiza-se no estado de Mato Grosso do Sul, na Serra da Bodoquena, a 297 km de Campo Grande, e conta com

uma população de 16.956 habitantes conforme o censo demográfico 2000 (Mapa 1). Conquistou sua emancipação político-administrativa através da Lei Estadual nº 145 de 02 de outubro de 1948, tendo atualmente a sede administrativa na cidade de Bonito (15.715 hab.) e um único distrito: Jabuti (1.241 hab.). Localiza-se a uma altitude de 315 metros com clima tropical úmido e temperatura média em torno de 22° C. Possui uma área de 4.934,3 km², representando 1,38% do território sul-mato-grossense.

A vegetação local é composta predominantemente por cerrados, com uma infinidade de árvores típicas dessa estrutura vegetal. Existem também focos de matas densas e outras formações originárias da região que, no entanto, sofreram desmatamento e grandes impactos ocasionados pelo modelo de exploração e uso do solo que predominou no decorrer dos anos. O município possui também uma fauna rica em diversas espécies exóticas de animais, aves e peixes.

Bonito insere-se na Bacia Hidrográfica do Rio Paraguai, sub-bacia do Rio Miranda, tendo como importantes rios que nascem no município o Rio do Peixe, o Formoso, o Perdido e o Sucuri (Mapa 2). O sistema hidrográfico particular do lugar apresenta associações com rochas calcárias, o que faz com que as águas dos rios nesse município sejam cristalinas, pois o calcário contribui para precipitar as partículas em suspensão nas águas para o fundo dos rios.

A geomorfologia da região denominada Serra da Bodoquena (Mapa 3), assentada sobre terreno calcário, é responsável por grande parte das paisagens naturais encontradas em Bonito. O calcário existente nesse lugar originou-se a aproximadamente 550 milhões de anos, no período Pré-Cambriano. Conforme Boggiani, “as rochas calcárias expostas, como observamos atualmente, encontram-se em processo de dissolução e, pelas fraturas, vão abrindo cavernas, abismos e condutos subterrâneos”.(BOGGIANI, 1999, p. 16). Esse calcário presente nos rios de Bonito, ao se dissolver, possibilita que as águas permaneçam cristalinas, além de lhes dar um “gosto salobro”.

Mapa 1 - Localização do Município de Bonito no Estado de Mato Grosso do Sul



Ao contrário do que ocorre em localidades onde a presença de quedas d'água associa-se a efeitos erosivos, no município de Bonito, estas são responsáveis pelas deposições de carbonato de cálcio, que ocorrem, segundo Boggiani (1999, p. 21), na forma de cachoeiras e barragens naturais ao longo das drenagens, e que constituem os principais atrativos turísticos de Bonito e região.

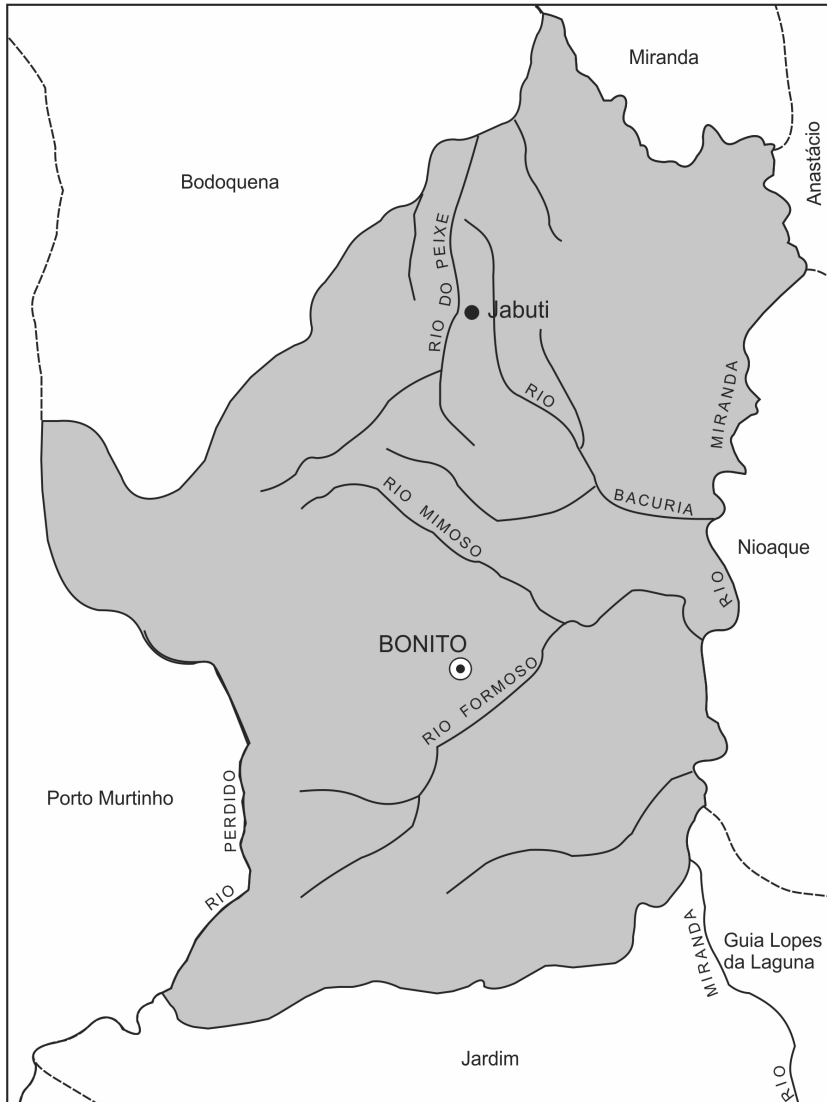
1.2 – Caracterização socioeconômica de Bonito-MS

As principais atividades econômicas de Bonito são a pecuária, a agricultura, a mineração de calcário e o comércio, alicerçado na atividade turística.

A pecuária teve sua gênese no município, a partir da década de 1950, momento da instalação da Colônia Agrícola Nacional de Dourados, que ocupou boa parte das terras da região da Grande Dourados com agricultura. Nessa época, parte dos pecuaristas foram obrigados a migrar para outras regiões para continuarem sua atividade, sendo que diversos desses vieram a se instalar em Bonito. A dinamização da agricultura nas terras douradenses fará com que essa atividade se expanda posteriormente para outros lugares do Estado, vindo a ocupar também terras em Bonito, principalmente com a cultura da soja.

Em Bonito são encontrados diferentes tipos de minérios, como calcário, cobre, chumbo, urânio, dolomito e mármore (Mapa 4), além de pedras para construção e argila. A extração do calcário é uma atividade que ainda possui importância dentro da economia do município que, em fins da década de 1990, correspondia a 60% da produção estadual. Pode ser verificado, conforme números do IBGE, que no ano de 2002, 11 das 29 atividades industriais instaladas em Bonito eram enquadradas no item minerais não metálicos, sendo, portanto, a extração mineral a principal atividade do setor industrial bonitense.

Mapa 2 - Hidrografia de Bonito



Escala: 1:780.000
Fonte: GEOMAPAS, 1999
Desenho: Lomba, G. 2003
Organização: Lomba, G. 2003

Mapa 4 - Presença de minérios em Bonito



LEGENDA:

- | | | |
|--------|----------|---------|
| Cobre | Calcário | Mármore |
| Chumbo | Dolomito | Urânio |

Escala: 1:820.000
Fonte: Radambrasil, FIBGE, FIPLAN-MS (modificado)
Desenho: Lomba, G. 2004
Organização: Lomba, G. 2004

Na década de 1970, os únicos locais transformados em atrativos turísticos em Bonito eram a Ilha do Padre e a Gruta do Lago Azul, sendo estes visitados principalmente por moradores locais e por amigos e familiares de cidadãos bonitenses que moravam em outras localidades (ver VARGAS, 2001, p. 140). A partir de 1993, com a exibição em cadeia nacional de diversos documentários sobre a região, Bonito se desperta para a atividade turística, começando a se organizar para receber tais visitantes.

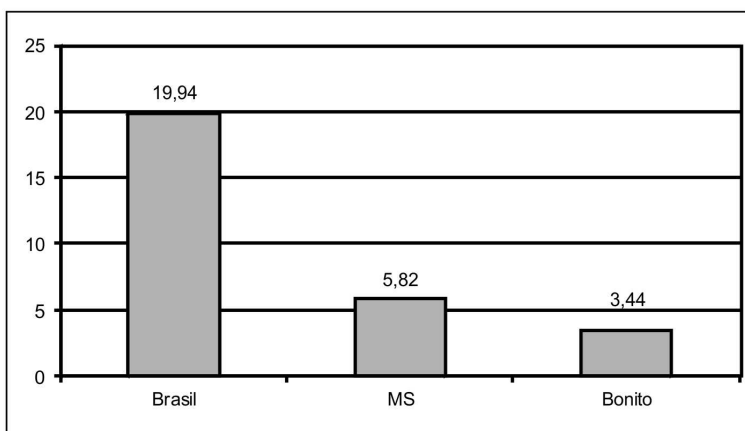
O marco inicial para a racionalização do turismo em Bonito enquanto atividade econômica ocorreu também no ano de 1993, com a realização do primeiro curso de formação de guias, patrocinado pelo Serviço de Apoio à Pequena e Média Empresa (SEBRAE) e pela Prefeitura Municipal, coordenado pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

Inicia-se em 1993, portanto, a profissionalização do turismo na região, traduzida numa organização da atividade, a partir de entidades públicas e organizações não governamentais, sempre sob o rígido olhar disciplinador dos ambientalistas. (VARGAS, 2001, p. 141)

O turismo hoje é uma das principais atividades econômicas do município e a maior geradora de emprego, pois a agricultura entrou em declínio nos últimos anos na região, a indústria tem uma participação relativamente pequena no montante da economia e a pecuária tradicionalmente não gera muitos postos de trabalho.

A população de Bonito aumentou em 53,95% entre os anos de 1980 e 2000, sendo esta variação praticamente a mesma verificada em âmbito estadual. Bonito possui também uma baixa densidade populacional, apenas 3,44 habitantes por Km², configurando-se em um grande vazio demográfico, superior à média nacional e estadual, conforme podemos verificar no Gráfico 1.

Gráfico 1 - Densidade demográfica (hab/km²)



Fonte: Censo Demográfico/IBGE, 2000.

O município passou por um aumento da população urbana no decorrer dos últimos anos. Diferente do Estado que conforme censo de 1980 possuía 2/3 de sua população residindo na cidade, Bonito neste período apresentava mais de 50% de seus habitantes vivendo no campo. Analisando a evolução demográfica por que tem passado o município nos últimos anos, percebe-se que a maioria da população passou a viver na área urbana. Entretanto, a relação entre população rural e urbana em Bonito, ainda se apresenta diferente da média estadual, com 24% das pessoas vivendo na área rural, enquanto que, em Mato Grosso do Sul, verifica-se apenas 15%.

O censo demográfico de 1991 apresentou dados sobre a origem da população local, momento em que a atividade turística começa a despontar como alternativa econômica para a região. Este censo apontou que a maior parte das pessoas que residiam em Bonito eram originárias do próprio município, ou seja, aproximadamente 80% das pessoas que lá mo-

ravam em 1990 eram nascidas naquela localidade (Tabela 1), presença bem mais forte que em outras cidades do Estado.

Tabela 1 - Origem da população local

	1980		1991		1991	
	Bonito	MS	Bonito	MS	Bonito	MS
Natural do município	5.823	625.631	12.401	1.205.933	80%	67,75%
Migrante	5.179	744.138	3.142	574.467	20%	32,25%

Fonte: Censo Demográfico/IBGE, 1980 e 1991.

É importante destacar ainda que, entre a década de 1970 e início da década de 1980, a exemplo do que aconteceu em grande parte do Estado, os migrantes que vieram para essa região¹, acabaram dirigindo-se para outras localidades, outros Estados, logo que a atividade econômica à qual os mesmos estavam vinculados, normalmente a indústria madeireira, começava a entrar em crise. Estes eram conhecidos por trabalhadores volantes.

Destaca-se aqui a forte presença que terão os moradores locais, enquanto trabalhadores no turismo no processo de implementação deste. Dessa forma, pessoas que raramente haviam tido contato com a atividade turística, acabam por serem induzidas a trabalhar neste setor. Conforme a Tabela 2, uma das principais características do processo social no estado de Mato Grosso do Sul é a grande concentração de terras. Observando as propriedades rurais acima de 1.000 ha, nota-se que elas ocupam

1 Compreendemos que região tem sua configuração determinada pelas relações sociais de produção, materializados ao longo da história, assumindo assim, determinadas características do movimento de produção e reprodução da sociedade. Conforme SANTOS, “A região se torna uma importante categoria de análise, importante para que se possa captar a maneira como uma mesma forma de produzir se realiza em partes específicas do planeta ou dentro de um país, associado à nova dinâmica às condições preexistentes. São estas condições globais, unidas às condições locais, que farão que um mesmo processo de escala mundial tenha resultados distintos, particulares, segundo os lugares?”. (SANTOS, 1996)

77,8% das terras sul-mato-grossenses, distribuídas entre 14% do total de estabelecimento no campo. Bonito tem características semelhantes ao Estado, com 17% dos proprietários possuindo 72% das terras (Tabela 3).

Tabela 2 - Estrutura fundiária do estado de Mato Grosso do Sul – número de estabelecimentos e grupos de área (ha)

Grupo Área (ha)	1980		1985		1996	
	Estabelecimentos	Área	Estabelecimentos	Área	Estabelecimentos	Área
0 – 20	18.731	142.695	20.618	145.354	14.240	112.037
20-100	11.247	499.929	13.048	589.710	12.683	564.807
100-1000	12.034	4.489.243	14.674	5.406.314	15.423	5.992.676
1000-5000	4.565	9.658.768	5.056	10.618.680	5.803	11.983.312
5000-10.000	751	5.167.478	702	4.825.928	690	4.694.074
Mais de 10.000	506	10.785.618	457	9.522.824	409	7.595.866
Sem declaração	109	-	76	-	175	-
TOTAL	47.943	30.743.731	54.631	31.108.816	49.423	30.942.772

Fonte: Censo Agropecuário/IBGE, 1980, 1985 e 1996.

Tabela 3 - Estrutura fundiária do município de Bonito-MS – número de estabelecimentos e grupos de área (ha)

Grupo área (ha)	1980		1985		1995/6	
	estabelecimentos	Área	estabelecimentos	Área	estabelecimentos	Área
Até 10		279		258	46	142
10 a 100 há	134	6.227	202	7.997	226	8.273
100 a 1.000 há	240	90.980	306	110.591	337	128.199
1.000 acima	116	365.169	118	340.386	125	352.801
Sem declaração	-	-	-	-	3	-
Total	551	462.655	712	459.237	737	489.415

Fonte: Censo Agropecuário/IBGE, 1980, 1985 e 1996.

Os proprietários que possuem até 10 ha, historicamente, encontram grandes dificuldades de permanecerem no campo, já que os dados apresentam uma redução superior a 45% no número de pequenas

propriedades no período compreendido entre 1985 e 1995/6. Esses números são reflexos das dificuldades que os trabalhadores enfrentam para sobreviver no campo, tendo como agravante empréstimos normalmente obtidos em bancos, que levam esses agricultores, em muitos momentos, a venderem as terras para pagarem suas dívidas e migrarem para a cidade em busca de emprego.

Bonito apresentou em 2003, conforme a Secretaria de Desenvolvimento Agrário do Estado de Mato Grosso do Sul, 1.125 famílias praticando a pequena agricultura familiar. Apesar de, aparentemente, ser um número considerável, quase 50% dessas famílias viviam em acampamentos, ou seja, famílias sem uma posse definitiva de terras.

O município possui um total de pequenos empreendimentos agrícolas onde se pratica a agricultura familiar muito próximo da média estadual e da região na qual se insere². Entretanto, não podemos considerar que esta seja uma característica forte da agricultura bonitense, principalmente se a compararmos com a Região da Grande Dourados, onde a presença de pequenos produtores é mais acentuada (Tabela 4).

Tabela 4 - Agricultura familiar - 2003

	Bonito	Reg. Sudoeste	MS	Reg. da Grande Dourados
Área	4.934	40.346	358.158	26.642
Nº famílias	1.125	6.588	65.500	11.877
Taxa média (km ² / Fam.)	4,39	6,12	5,47	2,24

Fonte: Secretaria de Desenvolvimento Agrário do Estado de Mato Grosso do Sul, 2003.

Entre os produtos cultivados em Mato Grosso do Sul, destaca-se o

² Os dados referem-se a divisão regional do PRD (Plano Regional de Desenvolvimento) implantado pelo governo do estado de Mato Grosso do Sul que delimitou o território estadual em 8 regiões de planejamento no ano de 2000 (Alto Pantanal, Sudoeste, Norte, Central, Bolsão, Grande Dourados, Leste e Sul Fronteira). Tendo com base as microrregiões homogêneas definidas pelo IBGE, foram analisados critérios de similaridade, homogeneidade e identidade de caráter econômico, infraestrutural, geográfico, político, histórico e social para a definição das regiões.

plântio de grãos. Analisando o volume total produzido no Estado, verifica-se que as culturas da soja e do milho representam juntas aproximadamente 90% da produção estadual de grãos (Tabela 5). Desse total, 84% estão concentradas em três Microrregiões³– Dourados, Alto Taquari e Cassilândia – destacando-se também, nessas localidades, as culturas da mandioca e da cana-de-açúcar.

Tabela 5 - Mato Grosso do Sul – produção agrícola estadual (t)

Culturas	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002
Soja	2.003.904	2.184.283	2.319.161	2.799.117	2.486.120	3.115.030	3.267.084
Milho	1.471.871	1.931.933	1.694.753	1.924.159	1.069.571	2.185.846	1.381.604
Arroz	253.096	215.404	196.601	261.516	226.649	220.534	213.260
Algodão	87.952	56.027	93.229	114.521	127.839	169.425	154.105
Trigo	49.992	47.087	48.997	71.104	34.712	107.006	75.462
Feijão	14.544	30.354	33.665	25.429	10.019	30.935	17.421
Total (grãos)	3.881.359	4.465.088	4.386.406	5.195.846	3.954.910	5.828.776	5.108.936

Fonte: PAM/IBGE, 1996 à 2002.

A produção de grãos tem aumentado no Mato Grosso do Sul principalmente em função da alta produtividade alcançada pelo bom aparato tecnológico no campo, mas os produtos agrícolas produzidos são ainda pouco diversificados, ficando a agricultura estadual refém de monoculturas. A soja sul-mato-grossense é um produto de exportação e o milho é usado, em sua grande parte, para elaboração de ração para os frangos. A cultura da cana é utilizada para a produção do álcool e do açúcar e a mandioca serve como matéria-prima para as farinheiras sul-mato-grossenses.

³ Utilizamos neste momento a definição de microrregião homogênea feita pelo IBGE, que divide o estado de Mato Grosso do Sul em 11 partes: Alto Taquari, Aquidauana, Baixo Pantanal, Bodoquena, Campo Grande, Cassilândia, Dourados, Iguatemi, Nova Andradina, Paranaíba e Três Lagoas.

O Estado de Mato Grosso do Sul acaba produzindo poucos produtos agrícolas voltados para suprir a demanda do mercado interno seja pela falta de tradição na produção de outras culturas seja pelos baixos investimentos por parte do governo e dos agentes financiadores, fazendo com que a maioria dos produtos alimentícios, principalmente os hortifrutigranjeiros, sejam importados de outros estados brasileiros.

Observando a quantidade de grãos produzidos em Bonito, percebe-se que esta contraria as estatísticas estaduais (Gráfico 2 e Gráfico 3). Os valores referentes à produção de soja no município caíram significativamente. Na década de 1980, a soja era uma das grandes atividades econômicas no município, com um crescente aumento no plantio e colheita deste grão. Em 1984, Bonito produziu 27.570 t de soja, aumentando para 32.400 t no ano de 1996, portanto uma alta de 17,52% na produção.

Gráfico 2 – Produção de soja
no Estado de Mato Grosso do Sul (t)

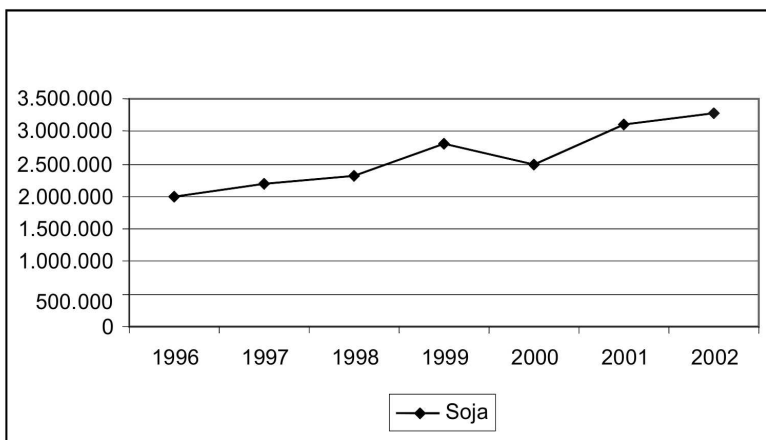
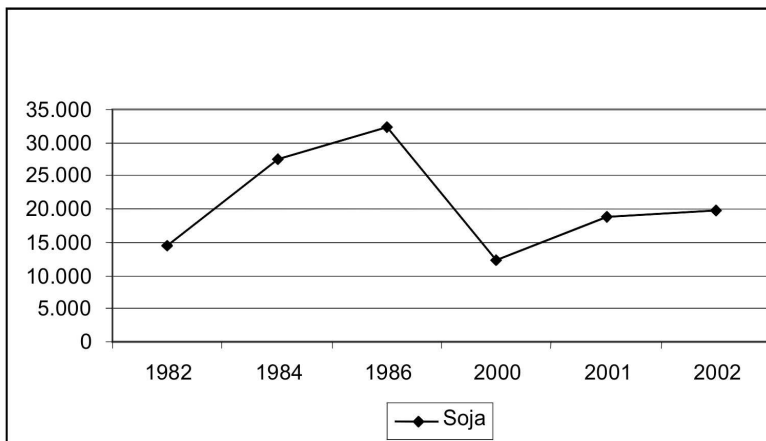


Gráfico 3 – Produção de soja em Bonito (t)

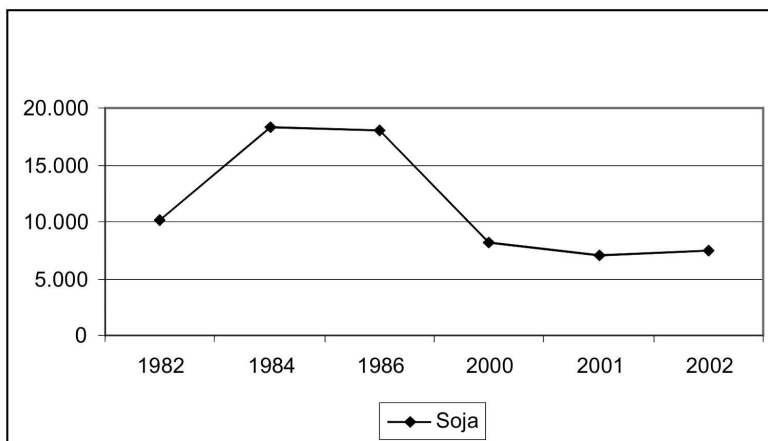


Fonte: PAM/IBGE, 1982, 1984, 1986, 2000, 2001 e 2002.

Esse aumento da produção está relacionado principalmente ao fator tecnológico, que começava a interferir na produção de grãos no Estado. Este fato se comprova, ao verificar que a produção nos anos de 1984 e 1986 em Bonito foram ambos em uma área de 18.000 ha, portanto uma alta considerável na produtividade nesse período.

A partir de 1986 ocorre queda acentuada da área plantada (Gráfico 4). Verifica-se, desta forma, certo abandono por parte de alguns agricultores que praticavam plantio dessa leguminosa em Bonito.

Gráfico 4 – Área plantada com soja em Bonito (ha)



Fonte: PAM/IBGE, 1982, 1984, 1986, 2000, 2001 e 2002.

Esse declínio não ocorre apenas na soja, conforme pode ser verificado nas Tabelas 6 e 7 com os principais produtos produzidos no município. Todos os itens tiveram uma queda acentuada na produção e também na área plantada. A área utilizada pela agricultura no ano de 1986 para plantio dos oito principais produtos então cultivados no município totalizou 43.521 ha, sendo que se verificou no ano de 2002 uma queda para 11.120 ha, ou seja, a área ocupada pela agricultura, hoje, corresponde a apenas 25,6% do que fora no passado.

Tabela 6 - Produção agrícola em Bonito - área colhida (ha)

Produto	1982	1984	1986	2000	2001	2002
Soja	10.100	18.300	18.000	8.200	7.000	7.500
Milho	3.500	3.215	8.000	3.100	4.100	3.000
Arroz	4.272	5.450	6.000	500	300	140
Trigo	325	1.500	10.121	-	100	120
Feijão	829	500	520	105	150	115
Café	1.447	780	220	5	5	5
Mandioca	480	430	530	160	160	200
Cana	105	95	130	32	32	40

Fonte: PAM/IBGE, 1982, 1984, 1986, 2000, 2001 e 2002.

Tabela 7 - Produção agrícola em Bonito - em toneladas

Produto	1982	1984	1986	2000	2001	2002
Soja	14.544	27.540	32.400	12.300	18.900	19.800
Milho	6.300	7.716	14.440	8.850	16.020	6.600
Arroz	3.845	8.175	7.200	750	450	336
Trigo	175	739	3.986	-	72	29
Feijão	321	348	421	94	75	99
Café	2.374	1.784	224	3	1	2
Mandioca	7.200	6.450	11.660	2.720	2.728	3.400
Cana	2.730	2.375	3.380	1.280	1.280	1.600

Fonte: PAM/IBGE, 1982, 1984, 1986, 2000, 2001 e 2002.

A decadência da produção agrícola em Bonito causa uma série de preocupações para a população local. Em entrevista feita por Vargas (1998), o entrevistado fala um pouco do que fora a importância da agricultura no município em fins da década de 1980.

Quando eu cheguei aqui tinha de 25 a 30 mil ha em produção, em 1988, não tinha asfalto em lugar nenhum no meio da cidade, o pouco que tinha era todo cheio de buracos. Era uma loucura o que tinha de máquinas para arrumar, as oficinas todas cheias de tratores, auto-peças funcionando, e armazém, chegou uma época de ter arroz tudo aqui no pátio, coberto por lona preta, uma loucura, acho que em 1986 teve tanto arroz que se perdeu, estavam secando arroz nas ruas porque não tinha secador para por tudo. (VARGAS, 1998, p. 90-91)

Essa crise da agricultura deve-se a alguns fatores, como a falta de incentivos e financiamentos por parte do Estado a partir da década de 1980, fazendo com que parte dos pequenos e médios agricultores contraísse dívidas e abandonasse a prática agrícola. Outro elemento importante na decadência da agricultura local é a questão ambiental que ganha força com o crescimento da atividade turística e o fortalecimento do discurso ambientalista. A fragilidade do solo local e da degradação que a agricultu-

ra provoca, principalmente nos rios, por meio dos agrotóxicos acarretam discordâncias em relação ao modelo de produção agrícola utilizado. Cabe destacar aqui que os rios são o carro chefe do turismo em Bonito, portanto, se depredados, causam prejuízos diretos na atividade turística local.

Outra atividade econômica importante no estado de Mato Grosso do Sul é a pecuária bovina, a maior do país, totalizando em 2001, 22.619.950 cabeças de gado. Analisando a Tabela 8, podemos verificar que no período compreendido entre 1996 e 2001, em todos os anos ocorreu crescimento no número de cabeças do rebanho estadual.

**Tabela 8 - Pecuária bovina de Mato Grosso do Sul
(rebanho em cabeças)**

Efetivos	1996	1997	1998	1999	2000	2001
Bovinos	19.754.356	20.982.933	21.421.567	21.576.384	22.205.408	22.619.950

Fonte: PPM/IBGE, 1996 à 2001.

A tecnologia utilizada pelo setor nas últimas décadas melhorou a taxa de abate⁴ do gado, diminuindo o período necessário para a ocorrência do mesmo. A taxa que era de 9,73% do rebanho em 1980, passou para 10,82% em 1985, 15,31% em 2000 e uma estimativa de 17,39% para o ano de 2002. Considerando-se o total de cabeças de gado no início da década de 1980, ocorre um aumento no rebanho superior a 90% se comparada ao ano de 2001.

A área ocupada pela pecuária sul-mato-grossense alcança uma extensão de 21.810.708 hectares, apresentando um elevado grau de mecanização. Conforme dados do Censo Agropecuário 1996, 72% são cobertas por capins introduzidos através da mecanização; as maiores

⁴ A taxa de abate refere-se ao percentual de cabeças de gado que são abatidas anualmente em relação ao volume total do rebanho. O aumento da taxa representa uma diminuição no tempo necessário para que um gado possa estar pronto para o abate.

extensões com pastagens plantadas estão nas Microrregiões de Três Lagoas ao leste do Estado com 18,8%, além de Dourados e Iguatemi que juntas representam 22,1% das terras com pastagem plantada. Já as áreas com pastagens naturais se encontram nas Microrregiões do Baixo Pantanal, Aquidauana e Alto Taquari que fazem parte da Planície Pantaneira ou estão em seu entorno, e juntas detêm 81,7% da extensão territorial onde se pratica a pecuária em pastagem natural no Mato Grosso do Sul.

O tamanho dos rebanhos que compõe a pecuária em Bonito apresenta uma relativa estabilidade, sendo a bovinocultura a principal atividade do setor, tornando-se importante para a economia local. Podemos observar uma variação positiva superior a 10% no total de cabeças de gado nos últimos 4 anos (Tabela 9). Percentual equivalente foi verificado para a produção leiteira, que teve um aumento de 3.379 em 1999 para 3.929 litros de leite no ano de 2001.

Tabela 9 - Principais rebanhos em Bonito –
1997-2001 (em cabeças)

Especificação	1997	1998	1999	2000	2001
Bovinos	311.156	311.200	311.300	331.534	344.042
Equinos	5.670	5.700	5.720	5.851	5.860
Suínos	6.000	6.050	6.110	6.292	6.390
Ovinos	9.690	9.700	9.750	9.900	9.915
Aves ⁽¹⁾	45	45	45	46	46

(1) (galinhas, galos, frangos (as) e pintos) - em mil cabeças

Fonte: PPM/IBGE, 1997 à 2001.

A inserção de uma outra atividade econômica em determinada localidade, no caso o turismo em Bonito, consumidora e produtora de território (ver RODRIGUES, 1998), acarretará uma reorganização do lugar, com a transformação de um ambiente natural em um ambiente artificial, moldado em função da demanda desta atividade por uma infraestrutura até então inexistente.

Entre estas infraestruturas, destaca-se a melhoria das condições de acesso ao município de Bonito, com pavimentação asfáltica de algumas rodovias e cascalhamento em outras, o aumento do número de hotéis, bares e restaurantes na cidade, o crescimento do setor de agências de turismo, além de inúmeros outros estabelecimentos de comércio e serviços típicos da atividade turística como lojas de artesanatos, serviços fotográficos, vendas de camisetas referentes ao lugar, aluguel de botes, trajes de mergulho, dentre outros.

Conforme dados apresentados acima, é possível afirmar que até início da década de 1990, o município apresentava uma estrutura econômica de base rural, com predominância de atividades do setor primário, como a pecuária de corte e a soja. A pecuária ainda é um forte componente da economia local, entretanto, a agricultura representa hoje, se comparada ao ano de 1984, apenas 20% das terras plantadas com grãos, ou seja, uma queda no plantio de 75% das terras que eram destinadas principalmente às culturas da soja, milho, arroz e trigo em anos anteriores.

Com o turismo, Bonito passa a ter no comércio um outro forte componente da sua economia, e conseqüentemente, o setor passa a responder por boa parte dos empregos gerados no município. O comércio local se fortaleceu a partir da década de 1990 para atender o turista que visita a região. Somente entre 1998 e 2002, foi constatada um aumento de 60,8% no total de estabelecimentos varejistas implantados nesta cidade (Tabela 10). Este considerável aumento nos dados reflete a importância que adquire o comércio no município, sendo que a tendência estadual é de estabilidade em relação ao número de estabelecimentos comerciais implantados.

Tabela 10 - Estabelecimentos comerciais varejistas em Bonito

Ano	1970	1980	1998	2000	2002
Total de estabelecimentos	41	86	204	265	328

Fonte: FIBGE/Censo Comercial, 1970 e 1980.
SERC, 1998, 2000 e 2002.

As Tabelas 11 e 12, referentes ao consumo de energia, estão representadas em percentuais e apresentam o que cada setor da economia consome de energia e o número de consumidores no Estado e em Bonito.

Tabela 11 - Consumo de energia elétrica no Mato Grosso do Sul – 2002 (%)

Consumidor	Consumo de Energia Elétrica (Mwh):	Número de Consumidores
Residencial	31,40	81,89
Industrial	25,40	0,80
Comercial	18,87	8,74
Rural	10,41	7,47
Demais Classes	13,93	1,09
Total	100	100

Fonte: ENERSUL/ELEKTRON (Ex-CESP), 2002.

Tabela 12 - Consumo de energia elétrica em Bonito – 2002 (%)

Consumidor	Consumo de Energia Elétrica (Mwh):	Número de Consumidores
Residencial	32,48	76,12
Industrial	10,70	0,39
Comercial	30,33	11,90
Rural	16,04	10,19
Demais Classes	10,45	1,40
Total	100	100

Fonte: ENERSUL, 2002.

Estes dados permitem refletir sobre algumas características da economia bonitense no período da pesquisa. Comparando a utilização de energia pela indústria nos dois quadros conclui-se que o consumo municipal corresponde a apenas 40,13% da média de consumo estadual, ou seja, em Bonito o consumo das indústrias representam apenas 10,7% do total da energia consumida no município, muito abaixo do que é utilizado por esse setor da economia no estado de Mato Grosso do Sul.

Os dados mais significativos em relação ao consumo de energia elétrica referem-se ao comércio, que possui grande parte das empresas ligadas

à atividade turística. As informações confirmam a importância que possui hoje este setor na atividade econômica municipal, sendo que, 30,33% do consumo de energia em Bonito estão ligados diretamente a ele, muito acima da média estadual. Em relação ao número de consumidores, este setor está acima dos números que representam o Estado. Dessa forma, os dados apontam as transformações que o turismo tem ocasionado em Bonito, no caso em questão, através do crescimento do setor comercial.

O consumo de energia elétrica no campo também está relacionado ao crescimento do turismo. Os empreendimentos rurais que consomem energia elétrica eram responsáveis em 1987 por 3,62% do consumo de energia no município. Em 2002, estes números representaram 16,04% do consumo, uma alta considerável, e que se torna ainda mais representativa quando comparada à média de consumo estadual que era de 10,41% em 2002. Esse aumento tem relação direta, dentre outros fatores, com a inserção de propriedades rurais na prática da atividade turística, como a construção de hotéis fazendas que necessitam de diversas infraestruturas ligadas ao consumo de energia.

Na Tabela 13, é demonstrado o crescimento da atividade turística em Bonito, utilizando para tal, a evolução dos números referentes à participação de cada setor da economia na arrecadação de ICMS no município num período de 20 anos.

Tabela 13 - Percentual da arrecadação de ICMS, por atividade econômica em Bonito (%)

Especificação	1983	1985	1987	1998	2000	2002
Comércio ⁽²⁾	5,69	4,26	7,45	51,93	72,55	70,44
Indústria	1,38	6,20	12,83	7,07	6,17	1,06
Pecuária	55,83	41,78	49,70	30,30	7,43	15,92
Agricultura	37,10	47,76	30,02	1,84	6,27	5,15
Outros	-	-	-	8,86	7,58	7,43

Fonte: BDE/MS, 2003.

(2) Nesta tabela, parte do setor de serviços que incidem ICMS, como o turístico, encontram-se classificados como comércio.

Bonito possuía em 2003, cadastrados pela prefeitura municipal, um total de 77 hotéis e pousadas, 09 áreas para camping, 43 bares e restaurantes, 29 agências de turismo, 23 lojas de artesanatos, além de 12 ônibus e 19 vans utilizadas para transporte de pessoas. Todas essas atividades passaram a gerar novos postos de trabalho, até então inexistentes no município, que somados aos 42 artesãos e 96 guias de turismo, formam um novo perfil de trabalhadores locais, que são obrigados a viver sob as regras impostas pela nova atividade que se estabelece e reorganiza o território local.

A Tabela 14 demonstra o que cada setor da economia emprega de mão-de-obra no estado de Mato Grosso do Sul, sendo possível verificar que o comércio oferece quase o mesmo número de postos de trabalho que a agricultura e a pecuária juntas⁵. Já que a agropecuária, base da economia sul-mato-grossense, encontra-se decadente em Bonito, os empregos gerados pelos setores de comércio e serviços neste município passam a ter relevância ainda maior para a geração de postos de trabalho.

Tabela 14 - Principais atividades empregadoras no estado de Mato Grosso do Sul - 2000

Atividades	Nº de pessoas empregadas	Participação (%)
Agropecuária	165.015	19,55
Comércio	147.518	17,47
Serviços Domésticos	81.254	9,62
Indústria de transformação	74.905	8,87
Administração pública	65.057	7,71
Construção civil	62.187	7,37
Educação	48.829	5,78
Outros	199.496	23,63
Total	844.261	100,00

Fonte: Censo Demográfico/IBGE, 2000.

⁵ Cabe destacar que o turismo, classificado enquanto atividade econômica, como setor de serviços, está inserido, neste caso, dentro de comércio.

O turismo, na totalidade de suas atividades, representa neste início de século XXI, segundo o COMTUR⁶, mais de 56% da mão-de-obra ocupada em Bonito, sendo diversos os tipos de emprego presentes neste contexto, como guias, agentes, remadores, monitores, recepcionistas, motoristas, gerentes, guardas, telefonistas, camareiras, etc.

Dentre os setores que mais tiveram investimentos com o advento da atividade turística, destaca-se o setor hoteleiro, que é o empreendimento ligado ao turismo que gera um maior número de empregos diretos no município de Bonito.

No final da década de 1980, o município possuía apenas 5 hotéis, com um total de 96 quartos ou apartamentos (IPLAN, 1989, p. 113). Em um período pouco superior a uma década, Bonito teve um grande investimento no setor hoteleiro, passando em 2003, a possuir 77 hotéis perfazendo um total de 1.241 quartos e apartamentos, totalizando 4.188 leitos cadastrados pela Prefeitura Municipal disponíveis para a atividade turística.

O setor hoteleiro em Bonito pode ser dividido em diversas categorias, variando entre hotéis de alto padrão a pousadas de pequeno porte, podendo-se encontrar quartos individuais que custam R\$ 400,00 a diária e outros que custam R\$ 25,00 por pessoa.

A atividade turística em Bonito é marcada pela sazonalidade que traz problemas para o setor, pois na chamada baixa temporada, a estrutura turística de Bonito trabalha de forma ociosa. Na Tabela 15, é apresentado o calendário de alta temporada em Bonito para o ano de 2003, sendo que neste ano, a falta de feriados prolongados afetou em muito a economia do município, com um período de baixa temporada extenso, principalmente entre as férias de meio de ano e as férias de verão que acontecem no final de dezembro.

⁶ Conselho Municipal de Turismo de Bonito.

Tabela 15 - Períodos de alta temporada -
calendário para Bonito em 2003

01 de janeiro a 02 de fevereiro	- Férias
28 de fevereiro a 05 de março	- Carnaval
17 a 21 de abril	- Semana Santa e Descobrimento do Brasil
01 a 04 de maio	- Dia do Trabalho
19 a 22 de junho	- Corpus Christi
01 de julho a 03 de agosto	- Férias de Julho
13 a 19 de outubro	- Semana do Saco Cheio
21 a 31 de dezembro	- Férias de Verão

Fonte: COMTUR – Bonito, 2003.

Esse tipo de organização do trabalho causa alguns problemas para as pessoas que moram na localidade. É o que aponta o censo do IBGE no ano de 2000, quando questões que se relacionam à baixa qualidade de vida em Bonito. A Tabela 16 que mostra o rendimento por faixa de salário mínimo de pessoas com 10 anos ou mais de idade, aponta que no estado de Mato Grosso do Sul menos de 10% da população ganha acima de 5 salários mínimos e 40,31% das pessoas estão desempregadas ou não tem vínculo empregatício, vivem dos chamados “bicos”. Outro dado importante refere-se aos quase 20% da população estadual que trabalham ganhando um salário mínimo ou menos que este valor. Convém lembrar que as maiores cidades, como Campo Grande, costumam ter as melhores médias salariais, devido principalmente ao alto custo de vida para se morar nestas cidades. Dessa forma, os baixos salários estão ainda mais presentes nos pequenos municípios do interior do estado, dentre os quais Bonito deve ser incluído.

Tabela 16 - Rendimento por faixa de salário mínimo de pessoas com 10 anos ou mais de idade em Mato Grosso do Sul

Faixa de SM	Nº de pessoas		Variação 1991/2000	Percentual de pessoas na faixa salarial	
	1991	2000	Em %	1991 (%)	2000 (%)
Até 1 SM	278.009	301.685	8,52	20,54	18,19
De 1 a 5 SM	389.946	522.960	34,11	28,81	31,53
De 5 a 10 SM	56.155	100.236	78,50	4,15	6,04
Mais de 10 SM	35.046	65.300	86,33	2,59	3,94
Sem rendimento ou sem vínculo empregatício	594.380	668.601	12,49	43,91	40,31
Total	1.353.536	1.658.782	22,55	100,00	100,00

Fonte: Censo Demográfico/IBGE, 1991 e 2000.

A taxa de mortalidade infantil em Bonito apresenta uma queda significativa, com uma redução superior a 50% no número de mortes por 1.000 no período compreendido entre 1997 e 2001, sendo que no mesmo período Mato Grosso do Sul apresentou uma queda de 9% (Tabela 17).

Tabela 17 - Taxa de mortalidade infantil no estado de Mato Grosso do Sul e em Bonito (por 1.000 crianças nascidas)

Anos	MS	Bonito
1997	26,12	32,18
1998	25,24	39,16
1999	24,87	24,86
2000	23,83	20,06
2001	23,73	16,81

Fonte: BDE-MS, 2003.

Analisando os dados apresentados por Pochmann (2003), produzidos a partir dos censos demográficos do IBGE, Bonito encontra-se em 43º lugar no ranking do índice da exclusão social no estado de Mato Gros-

so do Sul. Isso demonstra que o município possui indicadores sociais que estão abaixo da média nacional e estadual.

Na Tabela 18, os dados mostram um baixo número de violência registrado e um razoável índice de alfabetização. Nos demais índices, percebem-se resultados negativos referentes ao município, um indicador de pobreza elevado e principalmente uma alta taxa de desemprego e uma desigualdade social considerável, estando estes números bem acima da média nacional. A taxa de desemprego reflete a dificuldade que a população bonitense tem de se inserir no mercado de trabalho e a desigualdade social elevada refere-se à grande distância que existe entre as pessoas com maior e menor poder aquisitivo no município. Essas informações têm como pano de fundo a estrutura socioeconômica vigente neste lugar.

Tabela 18 - Índice de exclusão social – Ano de 2.000

	Índice de Pobreza	Índice de Emprego	Índice de Desigualdade	Índice de Alfabetização	Índice de Escolaridade	Índice de Juventude	Índice de Violência	Índice de Exclusão
Bonito	0,531	0,123	0,106	0,839	0,469	0,603	0,898	0,467
Região Sudoeste	0,490	0,088	0,088	0,804	0,448	0,576	0,907	0,443
MS	0,731	0,582	0,201	0,806	0,463	0,604	0,514	0,535
Média Brasil	0,606	0,525	0,242	0,696	0,455	0,657	0,602	0,527

Fonte: Atlas da Exclusão Social, Pochmann, 2003.

As informações apresentadas até este momento confirmam a relevância que o turismo possui hoje para a economia bonitense pelo fato da atividade turística ter se tornado uma das principais responsáveis pela reorganização do território local. Dentro dessa discussão sobre transformações no território, o que interessa, particularmente nessa pesquisa, refere-se às implicações que tal atividade econômica provoca no mundo do trabalho local.

A atividade turística oferece aos trabalhadores locais, normalmente, empregos de baixa remuneração e precárias condições de trabalho. A baixa qualificação profissional dos moradores em Bonito em relação ao turismo faz com que, normalmente, os melhores postos de trabalhos sejam ocupados por profissionais que migram de outras localidades do estado ou do país.

Observa-se que a mudança da atividade econômica em Bonito, da agropecuária para o turismo, trouxe uma série de avanços estruturais para o município, com uma relativa melhora na qualidade de vida das pessoas em função da urbanização. Esta aparente prosperidade, entretanto, não é socializada com a maioria da população, fazendo com que continue precária ou até mesmo se agrave a situação daqueles que procuram um melhor emprego ou simplesmente um emprego.

Os dados apontados até este momento retratam as transformações que ocorreram no município de Bonito a partir da década de 1990 comprovando a importância que o setor turístico adquire para a economia local. O turismo influencia na vida dos trabalhadores, submetendo-os às regras de trabalho impostas pelo novo setor produtivo que se instala, atrelado às novas relações de produção que se territorializa hoje por diversos locais no mundo, com características da chamada economia neoliberal.

CAPÍTULO 2



the 1990s, the number of people in the world who are illiterate has increased from 700 million to 800 million (UNESCO, 2003).

There are many reasons for the increase in illiteracy. One of the reasons is that the population growth rate is higher than the literacy rate. Another reason is that the quality of education is low. In many developing countries, the quality of education is so low that many children who attend school do not learn to read and write.

There are many ways to reduce illiteracy. One way is to improve the quality of education. Another way is to provide more opportunities for people to learn to read and write.

There are many ways to improve the quality of education. One way is to provide more training for teachers. Another way is to provide more resources for schools.

There are many ways to provide more opportunities for people to learn to read and write. One way is to provide more literacy classes. Another way is to provide more community-based learning centers.

There are many ways to provide more training for teachers. One way is to provide more in-service training. Another way is to provide more pre-service training.

There are many ways to provide more resources for schools. One way is to provide more textbooks. Another way is to provide more teaching materials.

There are many ways to provide more literacy classes. One way is to provide more classes in rural areas. Another way is to provide more classes for women.

There are many ways to provide more community-based learning centers. One way is to provide more centers in urban areas. Another way is to provide more centers for the elderly.

There are many ways to provide more in-service training. One way is to provide more workshops. Another way is to provide more conferences.

There are many ways to provide more pre-service training. One way is to provide more internships. Another way is to provide more fieldwork.

There are many ways to provide more textbooks. One way is to provide more textbooks in local languages. Another way is to provide more textbooks that are relevant to the local context.

There are many ways to provide more teaching materials. One way is to provide more materials that are easy to use. Another way is to provide more materials that are culturally appropriate.

There are many ways to provide more classes in rural areas. One way is to provide more classes in village schools. Another way is to provide more classes in mobile schools.

There are many ways to provide more classes for women. One way is to provide more classes in women's centers. Another way is to provide more classes in community centers.

There are many ways to provide more centers in urban areas. One way is to provide more centers in public buildings. Another way is to provide more centers in private buildings.

There are many ways to provide more centers for the elderly. One way is to provide more centers in senior centers. Another way is to provide more centers in community centers.

There are many ways to provide more workshops. One way is to provide more workshops in schools. Another way is to provide more workshops in community centers.

There are many ways to provide more conferences. One way is to provide more conferences in schools. Another way is to provide more conferences in community centers.

There are many ways to provide more internships. One way is to provide more internships in schools. Another way is to provide more internships in community centers.

There are many ways to provide more fieldwork. One way is to provide more fieldwork in schools. Another way is to provide more fieldwork in community centers.

There are many ways to provide more textbooks in local languages. One way is to provide more textbooks in the local language. Another way is to provide more textbooks in the local dialect.

There are many ways to provide more textbooks that are relevant to the local context. One way is to provide more textbooks that are written by local authors. Another way is to provide more textbooks that are based on local stories.

There are many ways to provide more materials that are easy to use. One way is to provide more materials that are simple to use. Another way is to provide more materials that are easy to understand.

There are many ways to provide more materials that are culturally appropriate. One way is to provide more materials that are based on local culture. Another way is to provide more materials that are based on local traditions.

Capítulo 2

TURISMO E O IDEÁRIO DO “DESENVOLVIMENTO LOCAL”

A atividade turística tem se destacado nos últimos anos como um dos principais setores da economia mundial. Antes do século XIX, a prática do turismo estava à disposição de uma elite relativamente seleta, e poucas pessoas, com exceção das que possuíam alto poder aquisitivo, viajava para outras localidades, que não fossem com objetivos ligados ao seu trabalho. Conforme Urry (2001), a partir da segunda metade do século XIX, ocorreu um aumento considerável de viagens por trem, sendo que no século XX, o automóvel e o avião democratizaram ainda mais o acesso ao turismo. Entretanto, “é após a década de 1970, com o avanço da tecnologia de informação, de comunicações e de transporte que esta atividade atinge praticamente todos os lugares do mundo e tem significativa importância no comércio internacional” (MORETTI, 2001, p. 41).

Destaca-se também, como fator de grande importância para o desenvolvimento da atividade turística de massa, a melhor organização do tempo de trabalho das pessoas, separado do tempo de lazer, que ocorre no século XIX com a aceleração do processo de industrialização no mundo.

As conquistas dos trabalhadores, como férias remuneradas e dias de folga durante a semana, faz com que eles passem a ter “um tempo livre maior fora do local de trabalho” (MORETTI, 2001, p. 46), sendo esse utilizado muitas vezes para o lazer com a prática do turismo.

O turismo enquanto atividade econômica cresce em ritmo acelerado a partir da década de 1950 e, conforme a Organização Mundial do Turismo, no ano de 1997, a atividade chega a gerar mais de 250 milhões de postos de trabalho preenchidos, o que representa 10% da população economicamente ativa do mundo. Conforme Moesch (2002),

No processo de globalização econômica, o turismo – que entre 1950 e 1990 cresceu em torno de 7% ao ano (OMT, 1994: 143) – tornou-se uma fonte de renda e, não raro, o setor mais forte no financiamento da economia nacional, em muitos países. Se o turismo fosse uma nação, ou um estado independente, seria agora, a terceira potência econômica do mundo, situando-se somente atrás dos Estados Unidos e do Japão. Uma explicação para este crescimento é que o turismo é uma atividade econômica de múltiplos componentes, na qual muitas partes são intrinsecamente associadas a outros setores econômicos: aviação, transporte rodoviário, marítimo e fluvial, lojas de *souvenirs*, *stands* de concessionárias, restaurantes e bares, casas noturnas, parques temáticos, serviço de hotéis, agências de viagens e operadoras turísticas, entre outros cinquenta itens da economia, tornando-o a maior atividade geradora de empregos, e estimulando os investimentos internacionais. (MOESCH, 2002, p. 36)

A atividade turística surge no decorrer dos últimos anos, como uma alternativa de “desenvolvimento local” para regiões que se encontram relativamente estagnadas economicamente, ou seja, turismo está intimamente relacionado ao ideário de desenvolvimento, geração de empregos e como alternativa viável para solucionar problemas econômicos e sociais de determinada localidade.

A ideia de desenvolvimento pode ser compreendida pelo uso crescente, por parte da sociedade, da sua capacidade produtiva no sentido de aumentar em quantidade e qualidade os bens e serviços disponíveis (BENEVIDES, 1998). Apesar de pouco significativas para retratar uma realidade, as formas normalmente utilizadas para classificar uma sociedade como desenvolvida ou não, são os chamados índices de desenvolvimento humano. Conforme Benevides (1998), para entender a melhoria da qualidade de vida, as Nações Unidas e outras entidades ou estudos que procuram retratar as condições sociais de uma localidade, utilizam-se de dados referentes à taxa de analfabetismo, taxa de mortalidade infantil, elevação da esperança de vida da população, bem como outros indicadores sociais, como o número de médicos por habitantes, domicílios com saneamento básico, consumo de calorias por habitantes, etc. Levantar esses dados quantitativos, talvez seja uma forma de justificar a importância que o turismo possui como elemento propulsor de economias locais, visto que ele acaba gerando grande quantidade de postos de trabalho.

Por intermédio do turista, essa atividade tem, teoricamente, capacidade de atrair recursos financeiros de outros lugares, podendo trazer benefícios para todos os envolvidos neste setor da economia, pois dentro de um contexto liberal, a melhoria das condições de vida

decorreria fundamentalmente do dinamismo econômico e da capacidade de o mercado promover a eficiência alocativa e indiretamente proporcionar este bem-estar, manifesto na elevação dos salários reais, que aumentaria a capacidade da população de consumir bens e serviços. (BENEVIDES, 1998, p. 20)

A consolidação da atividade turística em um lugar tem como necessidade uma série de investimentos por parte do Estado e também da iniciativa privada. As ações estatais seriam em infra-estrutura, como

construção de aeroportos, rodoviárias, avenidas, estradas e edificações, enquanto a participação da iniciativa privada estaria focada na produção dos chamados insumos como aviões, ônibus, trens, materiais de construção, indústria de construção, indústria de produção de refrigeradores, ar-condicionado, conforme retrata Rodrigues (2001, p. 32).

Ao inserir-se em uma determinada localidade, o turismo também agrega novos valores e formas de convívio social, substituindo ou transformando os antigos costumes e tradições locais, mostrando que o lugar é constantemente recriado em suas relações com o mundo (LUCHIARI 1999).

Analisando esta questão, Luchiarri (1999, p. 12) lembra que

cabe refletir sobre a dinâmica sócio-espacial resultante da implantação de “modelos exógenos de desenvolvimento” que ditam novas funcionalidades para uma região, reestruturam a organização social local, remodelam a paisagem urbana e impõem novos valores ambientais e sócio-culturais.

Além de agregar novos valores, o turismo passa a orientar as transformações nos espaços urbanos de um determinado local, fazendo com que esta reestruturação territorial ocorra voltada para a atividade turística, atendendo às demandas do turismo que, em muitos momentos, se sobressaem às necessidades da população local. Tem-se uma cidade sendo produzida em função da economia deixando de ter como elemento norteador no seu “planejamento” a questão do bem-estar social.

Grande parte dos envolvidos com o turismo, como empresários ou agentes políticos que acabam se apresentando como responsáveis pelo “planejamento” da atividade turística, compreende o turismo apenas como uma alternativa econômica para reprodução do capital em determinada

localidade. Dessa forma, verificamos que o turismo tem levado a “um planejamento desordenado que não atende aos interesses das comunidades receptoras nem aos preceitos de conservação da natureza, mas apenas aos interesses econômicos dos grupos empresariais envolvidos” (BARRETO, 1997, p. 18).

Este livro apresenta pontos negativos, positivos e contraditórios no contexto da implantação do turismo em um município. Certamente, a chamada “indústria do turismo” não é mais nociva à sociedade do que a “indústria com chaminés”, mas o que se espera é que essa atividade não acabe por criar lugares tão indesejáveis como a sociedade industrial o fez (LUCHIARI, 1999).

Concordamos com a compreensão desta atividade como a apresentada por Rodrigues (2001, p. 32) que lembra o fato de diversos autores tratarem a atividade turística de diferentes formas. Há aqueles que a compara a uma indústria “sem chaminés”. Outros abordam o turismo como serviços, ou ainda como uma atividade de lazer e de descanso que as pessoas desenvolveriam em seu tempo livre. Em nenhum momento esta atividade é relacionada à poluição e deprecação da natureza. O turismo, portanto, deve ser visto de forma mais complexa, considerando todos os atores envolvidos na sua organização, como os setores da indústria, comércio e natureza, aqui entendida como paisagem-mercadoria.

O turismo compreendido de forma fragmentada leva a tentativas de se resolver problemas em um determinado contexto turístico de forma isolada, como se uma parte da atividade turística não tivesse relação com a totalidade. Ao analisar o turismo não é possível ter como referência apenas a circulação de pessoas e de mercadorias, mas sim as diversas relações que envolvem esta atividade, do local ao global.

O turismo, em diversos momentos, aparece como a única alternativa econômica de um determinado lugar, fazendo com que características da cultural local sejam substituídas por outras que estejam mais afeiçoadas com as necessidades da reprodução do capital, ou seja, a comercialização

de produtos que tenham melhores possibilidades de serem vendidos no mercado.

Nesse contexto, podemos verificar em Bonito, a existência de lojas de artesanato que possuem mercadorias que não têm nenhuma relação com a cultura local, ou seja, produtos vendidos no comércio vindos de longínquas regiões brasileiras e mesmo de outros países. Em contrapartida, as comunidades indígenas da região têm dificuldades para comercializar seus artesanatos, que são desvalorizados pelos comerciantes bonitenses que normalmente pagam preços irrisórios por eles.

Os turistas, ao chegarem a uma localidade, geram uma corrente de relações “relativamente harmônicas”, que tendem a trazer benefícios para toda a comunidade local. Em um primeiro momento, este turista se relaciona com empresas prestadoras de serviços como agências de turismo e hotéis, que afetarão diretamente os outros componentes da sociedade local, principalmente os assalariados dos empreendimentos que vivem em função do turismo.

As teorias em relação às possibilidades de “desenvolvimento” de uma comunidade com a introdução do turismo levam em consideração que o dinheiro trazido pelos turistas, ao chegar a uma localidade, gera um efeito multiplicador. Conforme Barreto (1997, p. 25),

O efeito multiplicador pressupõe uma corrente, pela qual o dinheiro do turista é distribuído pelos prestadores de serviços na forma de salários, que por sua vez são redistribuídos pelos assalariados nas suas despesas em serviços, que por sua vez distribuem este dinheiro entre seus assalariados e fornecedores, e assim por diante. Porém a corrente corta-se nestes países devido aos baixíssimos salários na área de turismo, que impedem que uma arrumadeira de hotel, por exemplo, gere, com seu salário uma corrente de despesas significativas.

O complexo turístico, considerado em sua totalidade, desde o turista até o empresário do setor, passando pelos diversos tipos de trabalhadores, é composto por diferentes camadas sociais, com uma “estratificação social muito grande” (LUCHIARI, 1999, p. 133). Existem diferentes tipos de turistas: o de alto poder aquisitivo e o chamado “farofeiro”⁷. Nesse contexto, são instalados grandes empreendimentos turísticos⁸, destinados aos visitantes de alto poder aquisitivo, e pequenas estruturas⁹, destinadas a demandas mais modestas. Em uma mesma localidade turística, existem hotéis com diárias de R\$ 15,00 e outros, a poucos metros de distancia, com diárias que podem chegar a R\$ 400,00.

A necessidade de atender a diferentes demandas sociais faz com que os lugares turísticos procurem se adequar às realidades dos seus potenciais visitantes. Diversificam-se pacotes turísticos conforme as demandas, para atender o turismo de massas, de elite, cultural, ecológico, de negócios, da terceira idade, esotérico, esportivo, náutico, entre outros. Constantemente o setor reinventa novas paisagens e práticas a serem consumidas pelo visitante, recriando vorazmente as paisagens natural e historicamente construídas (ver Luchiarri 1999).

A atividade turística, ao se consolidar em determinada localidade, pode intensificar a degradação urbana e ambiental do lugar em que se territorializa. Bonito, por exemplo, possui uma população de 15 mil habitantes, e chega a acomodar em períodos de alta temporada, como no carnaval, um excedente de 20 mil pessoas, portanto, muito além do que a infraestrutura local comporta.

7 São conhecidos por “farofeiros”, aqueles turistas que visitam uma localidade, levando quase tudo o que estão dispostos a consumir, portanto, gastando pouco dinheiro no local que irá visitar, sendo esses, normalmente, pessoas de baixo poder aquisitivo.

8 Compreende-se por grande empreendimento turístico, aquele que possui melhor infraestrutura, com condições de oferecer mais conforto ao seu hóspede.

9 Pequenas estruturas turísticas são aquelas pertencentes a empresários que possuem uma baixa quantia para investimento, que normalmente hospedam pessoas de baixo poder aquisitivo.

Preocupados com tal problemática, algumas pesquisas tem adotado o conceito de capacidade de suporte (ou carga), procurando quantificar, por meio de diferentes metodologias¹⁰, o volume máximo de turistas que uma localidade comporta. Conforme Rodrigues (2001, p. 26):

O conceito de capacidade de suporte – ou carga – está baseado na quantidade de população que uma determinada área pode suportar, sem degradar o ambiente. Ou seja, considera-se o tamanho máximo de população que uma determinada área pode suportar. Este conceito provém da biologia e resulta em analisar uma dada área como se as trocas não existissem, não considerando também as trocas sociais.

Esse conceito, portanto, torna-se uma forma de legitimar, através da pesquisa científica, a quantidade de pessoas que podem frequentar determinado lugar. Se a não adoção de medidas que limitem o número de visitantes em um atrativo pode causar sérios impactos ambientais a curto prazo, a adoção dessas medidas irão proibir que algumas pessoas possam praticar o turismo no futuro. Esse limite estabelecido será, provavelmente, o econômico, em que os poucos beneficiados serão aqueles com melhores condições financeiras de pagar os valores estipulados pelos donos de atrativos para usufruto de belezas naturais.

Em Bonito, a discussão sobre o turista desejável, já se faz presente há algum tempo. Diversos setores atrelados ao turismo são favoráveis à presença apenas do visitante de alto poder aquisitivo, chegando-se ao extremo de guias de turismo, conforme menção de alguns moradores locais, terem usado em determinado período, camisetas com os seguintes dizeres: “farofeiro não é bem-vindo a Bonito”. Conforme Barreto (1997, p. 30):

10 Estas metodologias consideram principalmente as características ambientais e de infraestrutura urbana do lugar turístico.

para que o turismo seja bom para determinada comunidade, é necessário que o turista gaste primeiro para que este seja redistribuído. O turista pobre não gasta dinheiro, só utiliza a infra-estrutura, provocando seu desgaste e o da natureza, contribuindo para a diminuição da capacidade de carga. Ou seja, é um turista que, para o setor receptor, não serve. Mas do ponto de vista ético, o turista pobre tem tanto direito de desfrutar de um determinado atrativo turístico quanto qualquer um.

Outra característica muito comum a uma localidade turística é a existência de períodos de alta e baixa temporada, sendo esse movimento chamado de sazonalidade. Durante o período de alta temporada, é verificado um aumento da chamada pressão ambiental em que, conforme dito anteriormente, um maior fluxo de pessoas em uma localidade aumenta a degradação urbana e ambiental desse lugar. Durante o período de baixa temporada, supõe-se que a pressão sobre o meio diminui, e a população afetada pelo turismo pode voltar à sua vida cotidiana.

A sazonalidade está presente em quase todos os locais em que se pratica o turismo e possui importância ímpar no ritmo da atividade turística. Se no período de alta temporada existem problemas de ordem ambiental, no período de baixa temporada, afloram os impactos de ordem social, vivenciados pelas pessoas que têm no turismo sua principal (ou única) fonte de renda. Luchiari (1999), ao pesquisar a atividade turística no município de Ubatuba, cidade localizada no litoral norte paulista, argumenta que:

a maior parte das atividades econômicas do município concentra-se na temporada de verão. Após este período, o retorno à realidade local parece positivo: a pressão sobre os recursos (naturais, de saneamento, serviços etc) é atenuada e a população volta ao seu cotidiano. Porém, restam poucas oportunidades econômicas para a população local: o comércio se retrai, os investimentos no setor

imobiliário estacionam e quase todas iniciativas de dinamização econômica são adiadas para a próxima temporada. Como a atividade turística se concentra em um período muito curto, a população local, que investe ou trabalha com o turismo, deve acumular rendimentos para sobreviver o resto do ano. (LUCHIARI, 1999, p. 148)

O turismo apresenta também características distintas conforme o local em que esse se territorializa. Urry (1996) destaca algumas, como o número de pessoas que visitam um lugar, em comparação à população hospedeira; o local de origem dos empresários que investem no turismo; os efeitos do turismo sobre as atividades econômicas pré-existentes; as diferenças socioeconômicas entre o morador local e o turista; o nível dos serviços prestados aos turistas no local visitado. A partir desses tópicos, é possível vislumbrar a realidade encontrada em Bonito e o funcionamento da atividade turística nesse município.

No primeiro item, que se refere ao total de pessoas que frequentam um município em período de alta temporada, Bonito, conforme mencionado anteriormente, por ser uma cidade com aproximadamente 15 mil habitantes no seu perímetro urbano, pode, nos períodos de grande movimento de turistas na cidade, dobrar a sua população.

A segunda característica de um local turístico, segundo Urry, é a origem dos empresários que estão presentes em Bonito, ligados diretamente à atividade turística. As entrevistas realizadas com o setor hoteleiro identificaram um grande número de investidores que vieram de outras localidades do Estado e do Brasil para investirem nessa atividade econômica local. Observa-se que 60% dos proprietários dos grandes estabelecimentos moram em Bonito a menos de 5 anos, e entre os pequenos proprietários, mais de 70% moram na cidade há mais de 10 anos. Entretanto, são os grandes empreendimentos que ficam com a maior parcela do dinheiro que circula na cidade em função do turismo.

Em relação ao efeito da atividade turística na economia pré-existente, em Bonito presenciou-se uma notória transformação na sua

estrutura produtiva após a década de 1990 – período em que o turismo se consolida localmente. Até o aparecimento dessa atividade como alternativa econômica, Bonito possuía uma economia basicamente sustentada na agropecuária, sendo que na última década, pudemos perceber uma estagnação dessa atividade e uma queda acentuada na produção de grãos no município.

A quarta consideração refere-se à diferença econômica e social entre os turistas e os moradores locais. Bonito tem uma classe de trabalhadores envolvida com a atividade turística que vive em condições de extrema precariedade, e com pouco acesso à cultura e ao lazer. As pesquisas realizadas com os trabalhadores em hotéis e pousadas apresentaram também que mais de 60% deles possuem baixa escolaridade, não tendo sequer concluído o ensino médio. Portanto, tem-se uma distância muito grande entre esses trabalhadores e os turistas frequentadores do município dentre os quais, conforme o Instituto de Pesquisa Ícone, 35% ganham acima de R\$ 5.000,00 por mês que representava em 2003 aproximadamente 20 salários mínimos.

Pesquisa realizada no carnaval de 2003 pelo instituto Ícone não apontou nenhum grau de insatisfação por parte dos turistas em relação à qualidade do atendimento, acomodações e refeições em Bonito. No entanto, nas entrevistas realizadas para essa pesquisa, percebemos certa insistência por parte dos empregadores no setor hoteleiro em reclamarem da qualidade da mão-de-obra local. Isso ocorre também em um cenário macro, pois entendemos que a insatisfação do empregador em relação aos empregados é visível em diversos outros setores da economia.

As considerações presentes nos dois primeiros capítulos dessa obra procuraram demonstrar a relevância que o turismo tem hoje para o município de Bonito, fazendo algumas reflexões sobre essa atividade, como forma de desmistificar o ideário do turismo enquanto “atividade moderna”. A partir do próximo capítulo, serão analisadas algumas questões fundamentadas em informações colhidas por meio de questionários

aplicados a campo, como forma de melhor compreender a realidade vivenciada pelos trabalhadores no setor hoteleiro em Bonito.



CAPÍTULO 3



Capítulo 3

CARACTERIZAÇÃO DO SETOR HOTELEIRO EM BONITO

Diante dos inúmeros empreendimentos que contratam trabalhadores ligados ao turismo, fizemos a opção por uma única atividade, o setor hoteleiro.

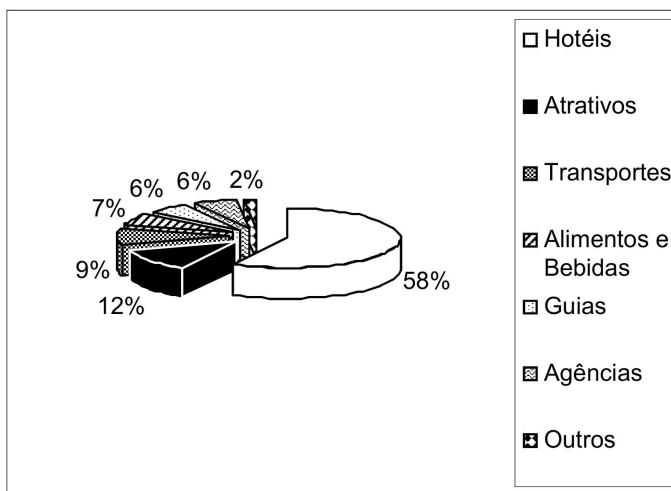
Em pesquisa de campo realizada em 2003, pelos alunos do curso de Turismo, existente em Bonito¹¹, constatou a presença de mil quatrocentos e trinta e cinco empregos diretos no setor turístico, representando aproximadamente 11% da população urbana residente no município¹².

Além dos empregos gerados pelos hotéis, a pesquisa apontou também, diversas outras atividades como potenciais geradores de postos de trabalho no turismo em Bonito, como agências de turismo, atrativos turísticos, empresas de transportes, empresas ligadas ao ramo de alimentos e bebidas, órgãos públicos, além de diversos profissionais que trabalham como guias de turismo. A opção pelos hotéis se faz em função deste setor, entre todas as atividades econômicas ligadas ao turismo, ser o maior gerador de empregos diretos em Bonito. Observando o Gráfico 5, percebe-se que os hotéis são responsáveis por 58% dos postos de trabalho no turismo, portanto, geram mais empregos que todas as demais atividades juntas.

11 O curso de Turismo em Bonito, oferecido pela Faculdade Funlec, foi implantado no ano de 2000.

12 Os números apresentados foram coletados pelos alunos da graduação do curso de Turismo em Bonito, e, até o momento em que estes dados foram adquiridos com a coordenação do curso, os mesmos não haviam sido publicados.

Gráfico 5 – Postos de trabalho gerados por atividade no turismo em Bonito no ano de 2004 (%)



Fonte: Funlec, 2004¹³.

Bonito possuía, no ano de 2003, 77 hotéis e pousadas cadastrados pela prefeitura, além de uma série de estabelecimentos hoteleiros que trabalham na clandestinidade. Para melhor analisar as informações colhidas nesta pesquisa, utilizaremos uma divisão dos hotéis em quatro categorias, sendo a base deste agrupamento o valor das diárias (Tabela 19). Apesar dos preços variarem muito conforme a demanda, esta divisão por categorias, dará condições metodológicas para comparações, em alguns momentos, entre os diferentes tipos de estabelecimentos. Os de grande porte possuem divisões de tarefas ou funções a serem exercidas pelos trabalhadores bem definidas, já nos de pequeno porte, nos quais predominam a mão-de-obra familiar, os proprietários normalmente são

13 Levantamento de dados ainda não publicados realizado por alunos do curso de Turismo da Funlec.

trabalhadores autônomos. Cabe ressaltar que R\$75,00 representava em 2003 aproximadamente 30% do valor do salário mínimo nacional.

Tabela 19 - Divisão dos hotéis/pousadas por categorias

Categoria 1	acima de R\$ 75,00
Categoria 2	de R\$ 50,00 a R\$ 75,00
Categoria 3	de R\$ 25,00 a R\$ 50,00
Categoria 4	menos de R\$ 25,00

Fonte: Ícone, 2003.

Os estabelecimentos hoteleiros em Bonito (Mapa 5) foram divididos da seguinte forma¹⁴:

- Categoria 1 – 14 estabelecimentos sendo 10 urbanos e 04 rurais.
- Categoria 2 – 15 estabelecimentos sendo 10 urbanos e 05 rurais.
- Categoria 3 – 23 estabelecimentos sendo 22 urbanos e 1 rural.
- Categoria 4 – 25 estabelecimentos sendo 23 urbanos e 2 rurais.

Primeiramente, foram agrupados todos os hotéis e pousadas por categorias e depois aplicados os questionários com gerentes ou proprietários de 50% dos empreendimentos de cada categoria¹⁵. Na categoria 1 e 2, composto pelos hotéis com maior infraestrutura, identificou-se que todos os empresários entrevistados são originários de outros estados brasileiros, sendo que as outras duas categorias, são compostas por grande soma de pequenos empresários sul-mato-grossenses. Na categoria 3, 45% nasceram no estado Mato Grosso do Sul, e a categoria 4, que é composta por estabelecimentos com infraestrutura mais modesta, 43% são do Estado e quase 30% nasceram em Bonito.

14 Optamos por utilizar a mesma divisão elaborada pelo instituto de Pesquisa Ícone em 2003.

15 Foram aplicados questionários apenas em estabelecimentos urbanos.

Pesquisa realizada pelo Governo do Estado de Mato Grosso do Sul, no ano de 2003, levantou algumas informações sobre os empreendimentos hoteleiros e pousadas cadastradas pela prefeitura. Estes dados apontam que apenas 10,4% dos hotéis/pousadas de Bonito têm mais de 10 anos de atividade, ou seja, apenas uma pequena parcela existia nesse local antes do fortalecimento do turismo enquanto atividade econômica no município. Os números apontam também, que 29,2% iniciaram suas atividades entre 5 e 10 anos e que 60,4% dos empreendimentos hoteleiros existentes em Bonito, possui um tempo de atividade empresarial no município igual ou inferior a 5 anos. Essas informações confirmam a grande expansão do setor nos últimos anos, que levaram a hotelaria a ter relevante importância na atividade turística nesse município.

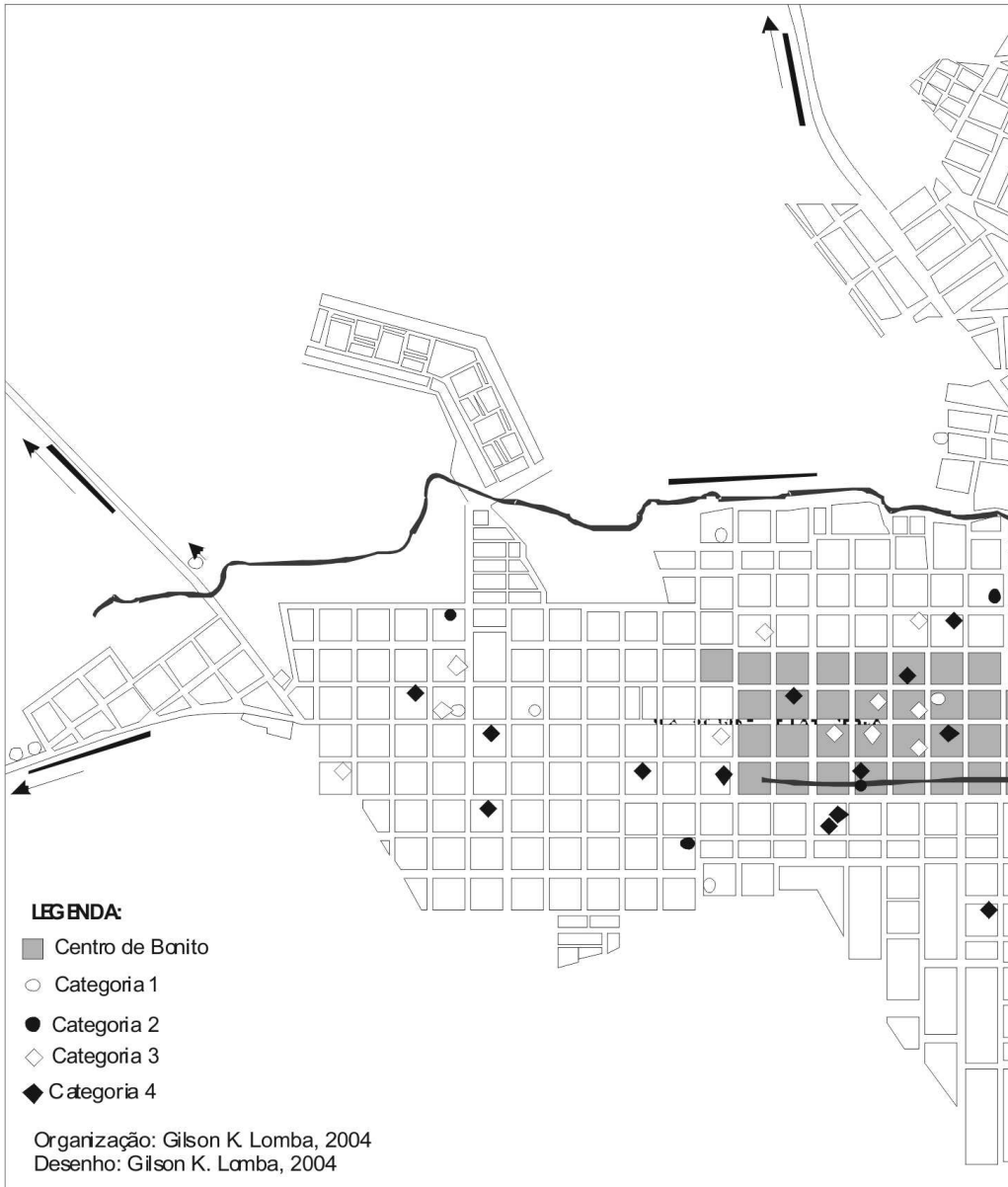
A maior parte dos empresários responsáveis pelos hotéis (48,6%) moram em Bonito à mais de 10 anos, 20% moram no município entre 5 e 10 anos e 31,4% estão nesta localidade a menos de 5 anos. O aumento nos últimos anos no número de grandes empreendimentos hoteleiros, conforme a Tabela 20, demonstra uma significativa presença dos empresários do grande setor hoteleiro morando no município há pouco tempo.

Tabela 20 – Tempo de moradia em Bonito.

	Menos de 5 anos	Acima de 5 a 10 anos	Mais de 10 anos
Categoria 1	60%	20%	20%
Categoria 2	40%	20%	40%
Categoria 3	36%	28%	36%
Categoria 4	14%	14%	72%

Fonte: Pesquisa de Campo, 2004.

Mapa 5: Localização dos hotéis e pousadas



Os empresários responsáveis pelos grandes empreendimentos hoteleiros são melhores preparados para atuarem nesta área, pois além de possuírem um grau de escolaridade mais elevado, estão mais habituados a participarem de treinamentos e cursos na área de hotelaria. Na Tabela 21, é explicitado que em números absolutos, 57% dos empresários do setor não fazem curso de treinamento, e os que fazem, normalmente estão concentrados nos grandes estabelecimentos.

Tabela 21 - Treinamento na área de turismo.

	Sim	Não
Total	43%	57%
Categoria 1	60%	40%
Categoria 2	100%	0%
Categoria 3	36%	64%
Categoria 4	21%	79%

Fonte: Pesquisa de Campo, 2004.

É evidente que os hotéis das categorias 1 e 2 são os principais responsáveis pela contratação de trabalhadores dentro dessa atividade econômica em Bonito: na categoria 1, 80% dos hotéis empregam mais de 20 trabalhadores; na categoria 2, predominam os empreendimentos que empregam entre 5 e 10 funcionários; na categoria 3, 46% empregam até três pessoas; na categoria 4, 43% empregam um funcionário e outros 43% não empregam nenhum¹⁶.

Em relação à contratação de trabalhadores em período de alta temporada, percebe-se, conforme a Tabela 22, uma parcela maior dos grandes empreendimentos empregando essas pessoas, que são recrutadas como diaristas ou mensalistas, normalmente com contrato de trabalho que vigora somente nos momentos de grande fluxo de turistas.

16 Entre os hotéis de pequenos empresários, normalmente a mão-de-obra que predomina são de pessoas da própria família.

Tabela 22 – Contratação de trabalhadores temporários na alta temporada.

	Sim	Não
Categoria 1	80%	20%
Categoria 2	80%	20%
Categoria 3	36%	64%
Categoria 4	42%	58%

Fonte: Pesquisa de Campo, 2004.

Conforme a Tabela 23, todos os entrevistados da categoria 1 têm planos de expansão para o futuro. Entretanto, nas categorias 3 e 4, apesar de uma parcela pretender efetuar melhorias nos seus hotéis ou pousadas, uma grande parte dos proprietários desses pequenos empreendimentos não pretendem ou não tem condições financeiras para investimento.

Tabela 23 - Tem planos de expansão.

	Sim	Não
Total	66%	34%
Categoria 1	100%	0%
Categoria 2	80%	20%
Categoria 3	64%	36%
Categoria 4	50%	50%

Fonte: Pesquisa de Campo, 2004.

De acordo com a categoria em que se enquadram os hotéis, percebem-se grandes diferenças entre seus proprietários. Metade dos empresários da categoria 1, vieram para Bonito para construir o hotel, principalmente nos últimos cinco anos. Em relação à categoria 2, 40% eram turistas e vieram pela qualidade de vida, mesmo fator que trouxe 50% dos pequenos empresários da categoria 3. Já contrastando com a categoria 1, os hotéis que compõem a categoria 4, quase 3/4 estão em Bonito a mais de 10 anos, podendo ser considerados cidadãos bonitenses.

Parte dos empresários do ramo hoteleiro em Bonito trabalha nesta atividade a menos de 10 anos, mais precisamente 85% destes. Conforme

a Tabela 24, o maior índice de proprietários que estão no setor há pouco tempo estão concentrados nas categorias 3 e 4, normalmente moradores locais, que entraram na atividade hoteleira como alternativa de geração de renda para sua família. Proprietários dos estabelecimentos classificados nas categorias 1 e 2, em sua maioria, são empresários de outros municípios do Brasil, que já atuam ou atuaram nesta atividade em outras localidades.

Tabela 24 - Tempo que trabalha na atividade hoteleira em Bonito.

	Menos de 5 anos	De 5 a 10 anos	Mais de 10 anos
Total	29%	56%	15%
Categoria 1	20%	60%	20%
Categoria 2	20%	40%	40%
Categoria 3	45%	45%	10%
Categoria 4	23%	69%	8%

Fonte: Pesquisa de Campo, 2004.

Conforme a Tabela 25, nenhum dos entrevistados da categoria 4 tem experiência de trabalho no setor hoteleiro em outras localidades, tendo adentrado em uma atividade econômica que pouco conheciam. Nas outras categorias, a experiência em trabalhar em hotéis já existia para parte dos empresários entrevistados, com destaque para a categoria 1 em que mais da metade dos empresários já trabalharam no setor hoteleiro em outras cidades.

Enquanto todos os entrevistados responsáveis pelos estabelecimentos das categorias 1, 2 e 3 afirmaram que vivem exclusivamente do turismo, quase a metade dos proprietários da categoria 4 afirmaram que durante o período de baixa temporada não conseguem sobreviver exclusivamente do setor, sendo necessário o exercício de outra atividade econômica.

Tabela 25 - Trabalhou em hotéis em outras cidades

	Sim	Não
Total	17%	83%
Categoria 1	60%	40%
Categoria 2	20%	80%
Categoria 3	19%	81%
Categoria 4	0%	100%

Fonte: Pesquisa de Campo, 2004.

As informações tratadas até aqui apontam as diferenças existentes entre as diversas categorias de hotéis em Bonito. Apesar de estar explorando economicamente uma mesma atividade, em um mesmo município, a realidade de cada empresa é distinta. No topo desta pirâmide, temos um empresariado “moderno”, com grande grau de satisfação dentro da atividade hoteleira em Bonito, com planos de expansão, altos preços de diárias, que são compatíveis com a realidade do turista que atualmente tem visitado Bonito.

Nesse contexto, parte dos leitos dos grandes hotéis é reservada com certa antecedência, seja por telefone, seja por intermédio das suas páginas na Internet, o que garante a muitos deles, um bom fluxo de hóspedes até nos períodos de baixa temporada.

Na outra extremidade da pirâmide, encontram-se os pequenos estabelecimentos hoteleiros, passando quase todo o ano com poucos hóspedes, e dependentes de um calendário que ofereça diversos feriados prolongados, aumentando dessa forma, a visita de turistas com menor poder aquisitivo ao município.

A pouca estrutura desses hotéis e pousadas pequenas em Bonito, levam a dependência de hóspedes que não tenham feito reservas antecipadas. Esses turistas normalmente têm rendas modestas e são oriundos de outras cidades do próprio estado de Mato Grosso do Sul e, normalmente, visitam o município nos feriados prolongados. O ano de 2003 foi considerado pelo setor turístico em Bonito, principalmente pelos pequenos

empreendedores, um dos piores dos últimos anos, visto que boa parte dos feriados acabou coincidindo com sábados e domingos, diminuindo muito os finais de semanas prolongados.

As férias de inverno são consideradas, pelos grandes empresários do setor hoteleiro, o principal período de alta temporada no município. É neste momento que Bonito recebe a visita de muitos turistas de outras localidades do Brasil, e também grande fluxo de turistas estrangeiros, que aproveitam as férias escolares para visitarem esta localidade. Esses são os chamados “turistas desejáveis”, detentores de alto poder aquisitivo, e que visitam Bonito dispostos a gastar boa quantia em dinheiro.

Essas situações diferenciadas que vivem os hotéis e pousadas em Bonito fazem com que os seus proprietários tenham projetos diferenciados para o setor no futuro. A Tabela 26 mostra como se encontra esta questão, podendo-se perceber que 100% dos grandes empreendedores estão satisfeitos com a situação atual do setor, o mesmo não se podendo afirmar dos empresários que compõem a categoria 4, em que 57% estão descontentes com o empreendimento.

Tabela 26 – Nível de satisfação com o turismo local

	Sim	Não
Total	57%	43%
Categoria 1	100%	0%
Categoria 2	60%	40%
Categoria 3	55%	45%
Categoria 4	43%	57%

Fonte: Pesquisa de Campo, 2004.

O grau de satisfação dos empresários do setor se faz refletir também nas expectativas em relação ao futuro: 100% dos empresários das

categorias 1 e 2 possuem expectativas de melhoras, e que o setor tende a prosperar em Bonito, com a predominância dos grandes estabelecimentos; entre os hotéis da categoria 4, apenas 14% afirmam que pretendem continuar na atividade hoteleira. As informações citadas na tabela 28 apontam que entre os empresários de menor poder aquisitivo, normalmente oriundos do próprio município ou tendo chegado nele a mais de 10 anos, 43% estão indecisos em relação ao futuro e outros 43% pretendem vender o estabelecimento.

Tabela 27 - Expectativas em relação ao futuro

	Continuar na atividade hoteleira	Pretendem vender o estabelecimento	Não sabem
Categoria 1	100%	-	-
Categoria 2	100%	-	-
Categoria 3	64%	18%	18%
Categoria 4	14%	43%	43%

Fonte: Pesquisa de Campo, 2004.

Presencia-se em Bonito dois extremos nesse contexto: proprietários de estabelecimentos satisfeitos em relação ao turismo no município e os que enfrentam enormes dificuldades para manterem seus pequenos hotéis e pousadas em funcionamento. A característica do turista que frequenta Bonito nos últimos anos está diretamente relacionado à situação enfrentada pelo ramo hoteleiro local.

3.1 - O novo perfil do turista em Bonito

Constata-se atualmente uma mudança significativa no tipo de turista que visita o município de Bonito. Parte dos dados que apresentaremos adiante é proveniente de uma pesquisa contratada pelo Governo do Estado de Mato Grosso do Sul, no período do carnaval de 2003, e realizado pelo instituto de pesquisas Ícone.

O fato de Bonito possuir diversos atrativos como mergulhos, passeios de botes em corredeiras e caminhadas por trilhas, favorece uma clientela jovem: 65,6% dos turistas que visitaram o município nesse período possuem entre 18 e 35 anos de idade.

A pesquisa apontou também que os frequentadores de Bonito possuem um alto grau de escolaridade. Verificou-se um percentual de 69,6% dos visitantes com nível escolar superior, ou seja, sete em cada dez turistas em Bonito cursaram o terceiro grau.

As pessoas que visitaram Bonito no carnaval de 2003 eram, em sua maioria, provenientes dos estados da Região Sudeste do Brasil, totalizando 38,8% dos visitantes, e da cidade de Campo Grande, no estado de Mato Grosso do Sul, com 31,4% do total de turistas. A maior parte desses visitantes costuma hospedar-se em hotéis e pousadas. Fato diferente ocorre em outras localidades turísticas brasileiras, como as regiões litorâneas, em que turistas, ou possuem casa de temporada, ou alugam uma residência para hospedarem-se com a família durante o período de estadia no município.

A metade dos turistas interessa-se em permanecer no município por um período de cinco ou mais dias, tendo chegado a Bonito normalmente por meio de carros particulares, vindos com a família e dispostos a gastar em média R\$ 180,00 por pessoa, ou seja, 75% do valor de um salário mínimo na época.

O que mais chamou a atenção foi a renda declarada pelos turistas na pesquisa. Conforme a Tabela 28, 46,3% dos entrevistados afirmaram ganhar mais que 20 salários mínimos mensais, portanto, pessoas com alto poder aquisitivo.

Tabela 28 – Faixa salarial dos turistas em Bonito

Até 5 SM	De 5 a 10 SM	De 10 a 20 SM	Mais de 20 SM
7,4%	17,7%	28,6%	46,3%

Fonte: Ícone, 2003.

Os altos preços dos atrativos turísticos em Bonito fazem com que o município seja frequentado por quem possa pagar caro para usufruir suas belezas naturais. Conforme o presidente do Comtur em Bonito, Mário de Souza,

“A gente era acostumado a receber elogios (...). A partir do começo de 1996, começou a se receber reclamações, e nós fomos tentar descobrir o porquê destas reclamações com uma pequena enquête nos hotéis. Daí se descobriu que (...) na econômica, que eram hotéis tipo Tapera, Bonanza, Gemila, Lago Azul, nesses hotéis a gente não teve reclamação de ninguém (...). As reclamações vinham do Zagaia, dos clientes do hotel Zagaia, alguns do Olho D’água, dos hotéis maiores. Daí a gente foi ver que o perfil do cliente nosso é que tinha mudado, quer dizer, quem estava vindo para Bonito? Um outro perfil de turista, que estava hospedado no Zagaia (...) que já era de um outro nível social e até mesmo com um poder aquisitivo muito maior (...). Esse pessoal que sempre nos elogiou paravam mais nas pousadinhas entre os hotéis menores porque já tinham uma aptidão pelo ecoturismo, que saiam de uma selva de pedra de concreto e vinham para Bonito e achavam tudo interessante. O que mudou na verdade foi o perfil dos clientes, não era o nosso serviço que estava ficando ruim, que estava caindo a qualidade, é que o nosso cliente está ficando mais exigente.”¹⁷

Essa mudança do perfil do visitante que tem frequentado Bonito provoca diversos impactos no turismo local. Em relação aos hotéis e pousadas, ficam evidentes os impactos diretos nesse setor, pois, uma pessoa com alto poder aquisitivo está disposta a pagar caro para ficar em um hotel que possa lhe oferecer o conforto e a proteção que possui em seu lar. Este turista tem como diferencial o fato de muitas vezes optar pelo “isolamento” em caras “bolhas ambientais”, que “isolam o turista da estranheza do local que o cerca e o hospeda”. (URRY, 2001, p. 23)

17 Entrevista concedida durante trabalho de campo, março/2004.

Este fenômeno tem feito com que os pequenos hotéis e pousadas encontrem dificuldades para hospedar turistas em Bonito. Somente em feriados prolongados, quando Bonito recebe um fluxo maior de pessoas é que esses estabelecimentos conseguem preencher uma maior quantidade de leitos. Neste contexto, o carnaval é o melhor período para esta categoria de hotéis conseguirem uma renda maior.

3.2 - Carnaval em Bonito: Geração de empregos X Turismo indesejável

É durante o carnaval que se verifica um maior fluxo de turistas para Bonito em busca de diversão. Eles trazem consigo, de outras localidades, boa parte do que irão consumir durante a estadia no município, além de uma quantia de dinheiro limitada. Esses turistas são responsáveis pelo aumento na procura por quartos nos pequenos empreendimentos hoteleiros, que têm no referido período, talvez a única oportunidade de verem ocupada a maior parte dos seus leitos. Outro grande beneficiário neste período são os pequenos comerciantes, que conseguem aumentar consideravelmente o fluxo de fregueses em seus estabelecimentos.

Surge, nesse contexto, uma polêmica que há muito tempo tem ocupado as discussões sobre os rumos do setor turístico em Bonito. De um lado, os grandes empresários, que aliados a alguns ambientalistas, alegam que o município não comporta um fluxo tão grande de pessoas, e que o “turismo de massa” apenas degrada as belezas do município, deixando para trás, apenas o lixo que produz. Ao defenderem esse discurso, os proprietários dos grandes estabelecimentos hoteleiros estão, primeiramente, agindo conforme seus interesses econômicos, pois, os turistas de baixa renda, não trazem lucros a este setor.

Na contramão desse discurso estão os proprietários de pequenos hotéis, que se aliam ao setor do comércio e vendedores ambulantes, alegando dependerem deste período do ano para continuarem existindo en-

quanto atividade econômica. Conforme estes trabalhadores, essa é a época do ano em que um maior número de pessoas conseguem emprego, mesmo que temporários ou “bicos”, sendo, portanto, esse período, imprescindível para a “sobrevivência” da classe trabalhadora. Cabe ressaltar que mesmo gastando pouco individualmente, esses turistas hospedam-se em hotéis e pousadas mais simples, frequentam bares, restaurantes, lojas de souvenirs e camelôs.

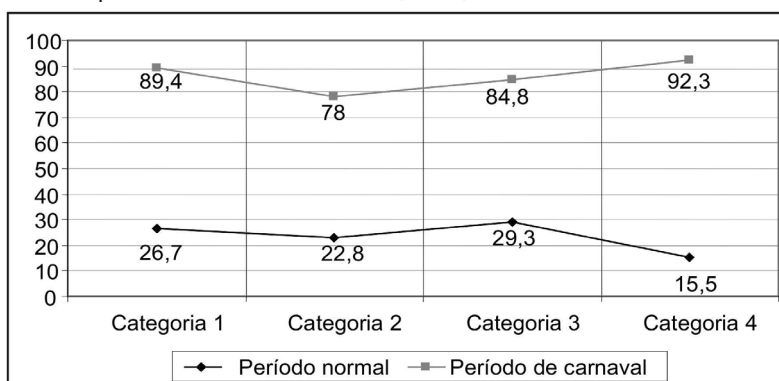
Pesquisa realizada em fevereiro de 2003 pelo Instituto de pesquisa Ícone comparou algumas diferenças entre os períodos de baixa temporada e o carnaval, como o aumento na ocupação de leitos nos empreendimentos hoteleiros e vagas de trabalho oferecidas pelos hotéis no período carnavalesco¹⁸.

Conforme proprietários e gerentes de hotéis e pousadas entrevistados, constatou-se que no período de baixa temporada, uma média de 24,4% dos leitos dos empreendimentos hoteleiros ficam ocupados. Já durante o carnaval, esse número é de 83,9%, representando uma alta de 244% no movimento de hóspedes nesse período.

Os empreendimentos que ocupam a categoria 4 são os que mais se beneficiam dos turistas de carnaval, pois, conforme o Gráfico 6, nesse período eles registram um aumento no fluxo de hóspedes de quase 500%. Se na baixa temporada a categoria de hotéis e pousadas possui uma menor quantidade de leitos preenchidos, no carnaval esses números se invertem, com 92,3% dos leitos ocupados (Gráfico 7).

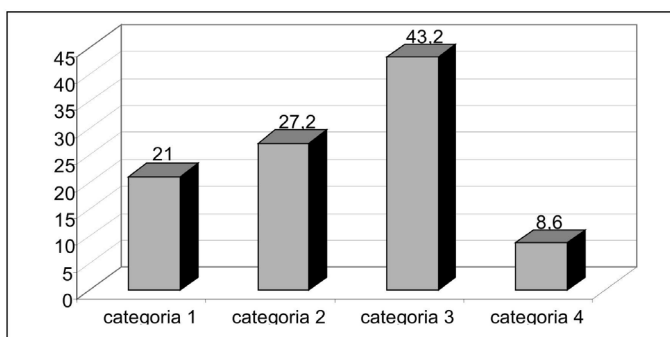
18 Esta pesquisa foi encomendada pelo Governo do Estado de Mato Grosso do Sul, com o objetivo de levantar informações sobre Bonito no período de carnaval.

Gráfico 6 – Quantidade de leitos ocupados nos hotéis em Bonito (em %)



Fonte: Ícone, 2003

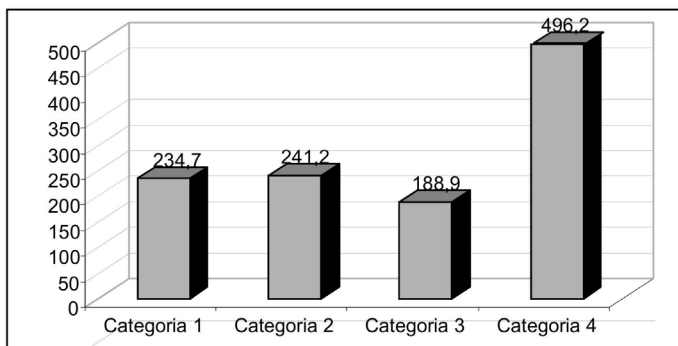
Gráfico 7 – Aumento da ocupação dos leitos no carnaval de 2003 (em %)



Fonte: Ícone, 2003.

No período de carnaval, ocorre em Bonito um aumento de 24,5% no número de vagas de trabalho temporárias oferecidas pelos empresários do setor hoteleiro. Observa-se no Gráfico 8, que a maior parte destes empregos são gerados pelos empreendimentos da Categoria 3, em que 43,2% de todos os trabalhadores que conseguem um emprego direto no setor hoteleiro no carnaval estão nesses estabelecimentos.

Gráfico 8 – Postos de trabalho temporários gerados no carnaval por categoria (em %)



Fonte: Ícone, 2003.

Percebe-se também, que os menores estabelecimentos hoteleiros em Bonito (categoria 4), são os que geram um menor percentual de postos de trabalho nesse período, ou seja, apenas 8,6% dos trabalhadores são contratados no período carnavalesco.

Constatamos, até o momento, que os hotéis em Bonito possuem diversidades, criando situações e possibilidades de empregos de acordo a característica do empreendimento e o período do ano, estabelecendo relações de trabalho normalmente precárias, que apresentaremos adiante.



CAPÍTULO 4



Capítulo 4

O NOVO MUNDO DO TRABALHO: REFLEXÕES SOBRE A PRECARIIDADE DO TRABALHO

As formas de organização e gestão do trabalho no interior do sistema capitalista são marcadas por três períodos técnicos diferentes, sendo estes denominados de revoluções industriais. A primeira revolução industrial, que ocorreu na Inglaterra a partir do século XVIII, tem como características tecnológicas

(...) a máquina de fiar, o tear mecânico, o descaroçador de algodão, máquinas movidas a vapor originadas da combustão do carvão, a forma de energia por excelência do período técnico. O sistema de transporte característico é a ferrovia, além da navegação marítima, também movida à energia do vapor do carvão. (MOREIRA, 1998, p. 119).

O período posterior, denominado de segunda revolução industrial, tem como característica importante a mudança das relações de trabalho, em que o trabalhador especializado por ofício cede lugar ao trabalhador que realizará uma única tarefa dentro da empresa, portanto, esse já não detém o domínio sobre a produção de uma mercadoria em todas as suas escalas. Esse período, compreendido também como “fordismo”, teve

como principais características: forte relação da empresa com o território, pequena mobilidade geográfica e funcional, localização mais estável e próxima da matéria-prima, localização em lugares de fácil acesso a transporte de mercadorias, ciclos longos do produto, grandes plantas industriais, desqualificação profissional, sistema hierarquizado, mecanização de todos os setores da linha de produção, produção e consumo de massa, estabilidade da mão-de-obra empregada, grandes corporações sindicais e forte presença do estado na economia.

O novo período técnico que se inicia, a terceira revolução industrial, tem como centro a informática, e a partir dos anos 60 do século XX, o computador começa a se tornar imprescindível na organização das empresas, com destaque para as telecomunicações, a microeletrônica, a biotecnologia.

A introdução desse novo modelo de organização do capital (conhecido como flexibilização) é marcado pela modernização da estrutura do mercado, da mão-de-obra e dos fatores e técnicas de produção. Dentre as principais características desse modelo destacam-se: dispersão espacial do sistema produtivo industrial, crescimento do uso da tecnologia, desestruturação das organizações sindicais, forte instabilidade no emprego, processo constante de qualificação da mão-de-obra passando-se a trabalhar em equipe, mobilidade dos trabalhadores (externa e interna), pequena relação com o território local, predomínio de pequenas e médias unidades produtivas, externalização funcional – tercerização, grande mobilidade funcional e geográfica, redes e mercados consumidores, mudança no processo de produção e na gestão da empresa e ciclo curto do produto.

Considerando-se a mudança de um período técnico para outro, percebem-se transformações no mundo do trabalho, e no atual contexto da economia flexível, as

diferentes categorias de trabalhadores têm em comum a submissão a um conjunto de constrangimentos: instabilidade de emprego e, portanto, de renda; desregulamentação mais ou menos forçada de

suas condições jurídicas de emprego e de trabalho (em relação às normas legais ou convencionais); conquistas e direitos sociais em regressão; com frequência, ausência de qualquer benefício convencional; a maior parte do tempo, ausência de qualquer proteção e expressão sindicais; enfim, tendência à individualização extrema da relação salarial. (BIHR, 1999, p. 86),

Através das recentes transformações nas relações de trabalho no mundo capitalista, com a fragmentação e precarização do trabalho, destaca-se a presença de diferentes tipos de trabalhadores. Um grande número de pessoas que no passado possuíam empregos pouco qualificados, foram substituídos em virtude do “avanço tecnológico”, ficando esses trabalhadores à margem do mercado de trabalho (não conseguindo ao menos um trabalho precário). Além desses, com pouca qualificação profissional, podemos verificar outros que muitas vezes não conseguem se inserir no mercado, como pessoas idosas (acima de 45 anos) e jovens, por não possuírem experiência profissional.

Para Alves (2000, p. 78):

O que antes poderia ser considerado ‘trabalhadores assalariados excedentes’, sob a grande indústria, no período histórico de transição para a pós grande indústria, sob a mundialização do capital torna-se, por conseguinte, ‘população trabalhadora excluída’. O Excedente inverte-se em excluído.

O mesmo autor alerta também para a presença da subproletarização tardia, constituída pelos trabalhadores assalariados em tempo parcial, temporários ou subcontratados, sendo essa prática denominada informalização nas relações de trabalho (ver Alves, 2000, p. 78)

Após a década de 1980, presenciou-se maiores transformações no mundo do trabalho em função da intensificação da flexibilização produ-

tiva. Essas transformações no setor produtivo impactam sobremaneira as relações de trabalho principalmente nas grandes indústrias, levando ou intensificando uma crise do operariado industrial. Uma das características deste novo modelo de produção é a diminuição dos postos de trabalho nas fábricas, decorrente primordialmente da revolução tecnológica. Sobre esta questão Antunes (1995, p. 41) argumenta que:

Observa-se, no universo do mundo do trabalho no capitalismo contemporâneo, uma múltipla processualidade: de um lado verificou-se uma *desproletarização do trabalho industrial, fabril*, nos países de capitalismo avançado, com maior ou menor repercussão em áreas industrializadas do Terceiro Mundo. Em outras palavras, houve uma diminuição da classe operária industrial tradicional. Mas, paralelamente, efetivou-se uma expressiva expansão do trabalho assalariado, a partir da enorme ampliação do assalariamento no setor de serviços.

Ainda sobre esta temática, o autor argumenta que

há uma *processualidade contraditória* que, de um lado, reduz o operariado industrial e fabril; de outro, aumenta o subproletariado, o trabalho *precário* e o assalariamento no setor de serviços. Incorpora o trabalho feminino e exclui os mais jovens e os mais velhos. Há, portanto um processo de maior *heterogeneização, fragmentação e complexificação* da classe trabalhadora. (ANTUNES, 1995, p. 41-42)

Dentro desse contexto de adaptação do modo de produção capitalista às suas necessidades de reprodução, o mundo do trabalho sofre transformações, e, no atual momento histórico, destacam-se três conjuntos de trabalhadores.

O primeiro refere-se aos trabalhadores estáveis e com garantias trabalhistas que, apesar da necessidade de lutarem cotidianamente pela

manutenção dos seus direitos garantidos por lei, estão empregados e possuem um salário ao final de cada mês.

O segundo grupo de trabalhadores são os proletários excluídos do trabalho, formados principalmente por pessoas idosas e pouco qualificadas que são excluídas do mercado de trabalho por um longo período ou mesmo de forma definitiva. Os jovens também se enquadram nesse contexto, por serem diversas vezes impossibilitados de acesso a um primeiro emprego por não possuírem experiência profissional.

Já o terceiro grupo encontra-se “entre esses dois pólos, a massa flutuante de trabalhadores instáveis” (BIHR, 1999, p. 84) no seio do qual destaca-se: os proletários das empresas de terceirização, que trabalham conforme a demanda; os trabalhadores temporários, que normalmente não se beneficiam das mesmas garantias trabalhistas dos que trabalham em tempo integral; os estagiários; e uma série de outros trabalhadores que exercem a profissão na clandestinidade e na informalidade, como autônomos e ambulantes.

4.1 - Precariedade do trabalho na atividade turística

O setor de serviços sempre representou parcela significativa em relação à divisão social do trabalho, mas, só recentemente, passou a constituir-se enquanto atividade produtiva, ou seja, geradora de lucro.

Atividades como arrumar camas, lavar roupas, cuidar dos filhos, cozinhar, dentre tantas outras, sempre foram executadas por membros da própria família ou, posteriormente, por pessoas contratadas para tal finalidade. A contratação de pessoas para realizar os afazeres domésticos, em um primeiro momento, não objetivava obtenção de lucro com tal atividade por parte do contratante, mas tão somente um conforto pessoal (BRAVERMAN, 1987).

Tais serviços começaram a despertar interesse no capitalista

quando ele começou a pagar pessoas para efetuar serviços como atividade lucrativa, como parte de seu negócio, como forma de produção no modo capitalista. E isto só começou em larga escala com a era do capitalismo monopolista que criou o mercado universal e transformou em mercadoria toda forma de atividade do ser humano, inclusive o que até então as pessoas faziam para si mesmas e não para as outras. (BRAVERMAN 1987, p. 306)

Ao ser empregada em uma fábrica, para a produção de bens, a força de trabalho de uma pessoa toma forma na produção de uma mercadoria que é comercializada pelo empresário, que obtém lucro com a sua venda. Ao contrário das fábricas, o setor de serviços, como o hoteleiro, não produz um produto tangível, que possa ser comercializado pelo empregador. Dessa forma,

Os efeitos úteis do trabalho, em tais casos, não servem para constituir um objeto vendável que encerre seus efeitos úteis como parte da sua existência na forma de mercadoria. Ao invés, os próprios efeitos do trabalho transformam-se em mercadoria. Quando o trabalhador não oferece esse trabalho diretamente ao usuário de seus efeitos, mas, ao invés, vende-o ao capitalista, que o revende no mercado de bens, temos então o modo de produção capitalista no setor de serviços. (BRAVERMAN, 1987, p. 303 – 304)

Consideramos que toda forma de trabalho faz parte de um processo de apropriação de mais-valia, seja por meio da venda de determinado produto produzido pelo trabalhador, seja por venda direta da força de trabalho como mercadoria, que é o caso do setor de serviços.

A atividade turística aparece em determinados lugares como a salvação para economias aparentemente desgastadas, isenta de qualquer tipo de análise que venha a questionar sua importância econômica e social. O turismo é, portanto, idealizado como a atividade que irá recuperar economicamente determinada região e proporcionar a sua inserção no mercado mundial dentro de uma perspectiva otimista de geração de emprego e renda. A atividade turística possui afinidades com as novas formas de organização sócio-econômica do mundo, características da Terceira Revolução Industrial, mas possui também diversas especificidades que diferenciam cada localidade em que esta atividade se territorializa.

Com exceção de poucos postos de trabalho, como os de gerenciamento ou *chefs*, os trabalhadores no setor de hotelaria executam funções com pouca necessidade de qualificação profissional, o que leva a alguns problemas como: não profissionalização do trabalhador; grande rotatividade destes nos estabelecimentos em períodos muito curto; poucas expectativas de melhoras e promoção dentro da profissão que exercem (URRY, 2001, p. 114).

De acordo com Luchiarì (1999, p. 133), segundo a OMT¹⁹, o setor turístico, além de possuir um grau de sindicalização inferior a de outros setores econômicos, utiliza-se, muitas vezes, de trabalhadores clandestinos ou de mão de obra feminina, infantil ou jovem com baixa qualificação. Muitos trabalhadores são mantidos em tempo parcial ou temporário, sem contratos ou com contratos de trabalho precários.

A flexibilização produtiva no setor hoteleiro acarretou no decorrer dos anos, devido ao desenvolvimento tecnológico, uma série de mudanças técnicas no ritmo de trabalho de quem está ou esteve empregado nesse setor econômico. Urry (2001) lembra-nos que, na Grã-Bretanha, com a in-

19 Organização Mundial do Trabalho.

trodução da máquina de lavar pratos, “a proporção de todos os empregados nos hotéis e restaurantes que trabalhavam como ajudantes de cozinha caiu de 21% em 1951 para apenas 4,2% em 1971” (p. 108).

Os trabalhadores nos hotéis já não são responsáveis por uma única atividade dentro do estabelecimento que trabalha. Desta forma, cozinheiros, principalmente os encarregados de preparar o café da manhã, passaram a ser substituídos por assistentes de cozinheiros, que exerciam outras funções na cozinha. Uma das causas dessa mudança está na prática de comprar alimentos industrializados, que reduz o tempo de trabalho e a necessidade de pessoal especializado.

Diversos são os tipos de funções exercidas pelos empregados no setor hoteleiro. Em Bonito, observamos a presença de pessoas responsáveis pela limpeza (camareiras e lavadeiras), pela cozinha (cozinheiras, ajudantes de cozinha e responsáveis pelo café da manhã), trabalhadores em bares dos hotéis (garçons), além de recepcionistas, gerentes de hotéis e administrativos.

Conforme Urry (2001), pesquisa recente apontou diversas categorias de trabalho exercidas por funcionários de hotéis e de restaurantes na Grã Bretanha, onde tais trabalhadores normalmente exerciam mais que uma função em um mesmo estabelecimento. Conforme a pesquisa,

dois terços da amostragem funcionavam em três ou mais dessas áreas, de vez em quando. Cerca de 90% funcionava em pelo menos duas delas. As pessoas que ocupavam posições administrativas ou de gerenciamento apresentavam maior diversidade e seu trabalho, seguidas das pessoas que exerciam tarefas na cozinha. As pessoas que trabalhavam na recepção ou no escritório executavam menor número de tarefas. Entre as pessoas habilitadas, mais de um terço disse que trabalhavam em quatro ou mais dessas áreas... As pessoas que trabalhavam em estabelecimentos menores, onde seria de se esperar maior flexibilidade quanto ao trabalho, tendiam a trabalhar

em mais áreas do que as pessoas empregadas em estabelecimento maiores. (ETAC, 1983, p. 9 apud URRY, 2001, p. 112).

Devido a sazonalidade, existe uma intensificação de demanda por mão-de-obra quando o turista a solicita, normalmente nos feriados prolongados ou períodos de férias. O trabalho se concentra, às vezes, em determinadas horas do dia, que faz com que o empreendimento necessite de trabalhadores com horários flexíveis. Essa realidade faz com que muitos sejam contratados para trabalhar em apenas alguns momentos do dia. “Em muitos serviços relativos ao turismo existe excepcional variedade de funções, que precisam ser desempenhadas, (...) o que proporciona muitas oportunidades para o desenvolvimento da flexibilidade das tarefas” (URRY, 2001: 113).

O efeito da sazonalidade faz com que locais como Bonito possuam grande fluxo de turistas nas altas temporadas, o que acaba justificando aos empregadores contratar pessoas para trabalhar nesses períodos, ficando essas desempregadas durante alguns meses do ano²⁰. Nos casos citados, os trabalhadores perdem completamente seu vínculo empregatício e seus direitos trabalhistas de outrora, sendo caracterizados, principalmente, como assalariados instáveis e vivem relações precárias, com pouca ou nenhuma organização sindical.

A análise dos postos de trabalho gerados pela atividade turística permite perceber uma grande oferta de empregos, haja vista que ao se mercantilizar a natureza, não ocorre a necessidade crescente de introdução de máquinas como nas indústrias de produção de mercadoria.

Com a inserção da atividade turística em uma determinada localidade, é normal termos uma reestruturação de parte do trabalho local, em

20 Conforme pesquisa de campo, em períodos de alta temporada como o carnaval, aproximadamente 30% dos trabalhadores são temporários.

que pessoas são obrigadas a se adaptar a novas profissões, ligadas ao setor turístico, para não ficarem desempregadas. É comum que estes postos de trabalho tenham características completamente distintas das antigas profissões dos trabalhadores locais, e esse novo quadro que se apresenta, no que diz respeito ao mundo do trabalho, traz uma série de características próprias da economia flexível.

Essas características serão apresentadas na atividade turística em Bonito, em especial no setor hoteleiro, conforme serão enfatizadas no próximo capítulo.

CAPÍTULO 5



Capítulo 5

O NOVO (E PRECÁRIO) MUNDO DO TRABALHO EM BONITO

Por intermédio de fontes teóricas consultadas, de dados quantitativos colhidos no decorrer da pesquisa, em conjunto com os questionários aplicados aos trabalhadores e empresários no setor hoteleiro de Bonito, apresentaremos neste capítulo as similaridades que possuem as relações de trabalho nos hotéis em Bonito neste início de século XXI com o novo (e precário) mundo do trabalho, além de se destacar algumas especificidades do cidadão bonitense que trabalha em hotéis e pousadas.

As transformações que ocorreram e vêm ocorrendo no interior do mundo do trabalho nas diversas partes do planeta nas últimas décadas, com aumento da flexibilização das relações de produção, têm provocado também uma maior precarização das relações de trabalho, aumentando o desemprego e a instabilidade funcional. Essas transformações provocam desigualdades no seio da própria classe trabalhadora, acabando por atingir “mais os trabalhadores não-qualificados que os qualificados, as mulheres que os homens, os jovens ou os idosos que os adultos” (BHIR, 1999, p. 86).

Conforme verificado no capítulo 1, Bonito possuía uma atividade econômica pautada na agropecuária, e um comércio voltado basicamente para suprir as necessidades dos moradores locais. O declínio principal-

mente da agricultura, que fora no passado a principal atividade empregadora no município, fez com que grande parcela dos antigos trabalhadores nesse setor fossem obrigados a buscar alternativas de trabalho.

Em pesquisa realizada com os isqueiros na região do pantanal sulmato-grossense, localidade com uma população com características semelhantes à de Bonito, Banducci Jr. (2001, p. 78) afirma que:

Ao mesmo tempo que vêm suas atividades tradicionais sacrificadas em nome do turismo, estes trabalhadores não conseguem se inserir, por falta de preparo técnico e de capital, no novo mercado turístico, sendo absorvidos apenas de forma marginal, seja na construção civil, seja em trabalhos domésticos, como limpeza de casas, cozinhas, jardinagem, entre outros, percebendo rendimentos parcos num contexto social sobre o qual já não exercem domínio.

Desta forma, os trabalhadores no turismo em Bonito, além das dificuldades para conseguirem um emprego direto nessa atividade, quando o conseguem, acabam trabalhando em funções que não exigem especialização, como camareiras, ajudantes de cozinhas, lavadeiras, jardineiros dentre outros. Já os empregos que exigem uma maior qualificação profissional, e, portanto, com melhores salários, ficam normalmente para profissionais oriundos de outras localidades.

Analisando-se os empregos gerados pelo turismo num contexto nacional, foi verificado que baixos salários e extensas jornadas de trabalho aparecem de forma muito acentuada nesta atividade econômica. A Tabela 29 demonstra que, com exceção dos salários pagos a gerentes de hotéis, os postos de trabalho geram uma remuneração muito abaixo da média salarial da economia brasileira. Outro fator agravante é a defasagem salarial, pois enquanto a média salarial brasileira aumentou em 3,8% entre 1999 e 2001, os salários pagos para todas as ocupações turísticas sofreram uma queda em seus rendimentos, cabendo destaque para os recepcionistas, com uma

perda de 11,9%, seguidos pelos cozinheiros e assemelhados com 9,7% e trabalhadores de serviços de turismo com 9,3%.

Tabela 29: Salários pagos em algumas ocupações turísticas no Brasil (R\$ de Jun/03)

Ocupação	1999	2000	2001
Gerentes de hotéis e restaurantes	1.130,38	1.086,40	1.004,90
Média salarial da economia brasileira	910,85	897,70	945,40
Agentes de viagens e guias de turismo	781,85	785,34	747,70
Receptionistas	547,52	535,28	482,85
Trabalhadores de serviços de turismo	492,27	486,17	446,23
Cozinheiros e assemelhados	466,85	457,36	421,53
Trabalhadores de serventia (hotéis)	463,31	453,44	434,36
Garçons, barmen e assemelhados	441,34	436,54	402,35

FONTE: RAIS/TEM. Relação Anual de Informações Sociais apud Ouriques (2004: 187)

Notas: os valores foram deflacionados pelo IPC – Média Geral, da FGV.

Nos dados da pesquisa apresentados por Ouriques (2004), consideram-se um universo de 349 ocupações que foram classificadas no Brasil, sendo as posições salariais das profissões vinculadas ao turismo distribuídas conforme a Tabela 30.

Tabela 30 - Posição das ocupações turísticas na escala salarial da economia Brasileira – 2001

Ocupação	Posição
Gerentes de hotéis e restaurantes	144°
Média da economia brasileira	183°
Agentes de viagens e guias de turismo	200°
Receptionistas	277°
Trabalhadores de serviços de turismo	295°
Cozinheiros e assemelhados	305°
Trabalhadores de serventia (hotéis)	304°
Garçons, barmen e assemelhados	313°

Fonte: RAIS/TEM. (Ouriques, 2004: 189)

Essas informações permitem concluir a precariedade que envolve

as profissões que se vinculam ao turismo, e segundo Ouriques (2004, p. 189):

além de pagar salários inferiores à média nacional, as ocupações turísticas caracterizam-se ainda por estarem nas posições mais baixas da pirâmide salarial brasileira. A título de comparação, os garçons recebiam salários inferiores aos dos trabalhadores agrícolas especializados, aos dos marceneiros e cabeleiros. Os cozinheiros e os trabalhadores de serventes recebiam salários menores do que os pescadores industriais, os trabalhadores da construção civil, os vidraceiros e trabalhadores da aquicultura. Já os recepcionistas, ganhavam menos do que os vendedores do comércio (atacadista e varejista) e os curtidores de couro.

Atualmente é grande a precarização que afeta parte da classe trabalhadora, e, apesar de algumas localidades concentrarem elevados índices de pobreza, o processo de degradação do trabalho enfrentado por esses trabalhadores territorializa-se pelas diversas partes do globo. A precarização do trabalho apresenta diversas características que, de certa forma, far-se-ão presentes em Bonito.

Com o fortalecimento da atividade turística bonitense, parcela significativa dos seus habitantes passa a ter nessa atividade a sua principal forma de sobrevivência. De acordo com o censo do IBGE de 2.000, dos 16.956 moradores locais, aproximadamente 10.000 tinham acima de 18 anos de idade. No município, existe um total de 1.435 empregos diretos no turismo, o que permite concluir que aproximadamente 15% da população trabalha em alguma atividade relacionada a este setor da economia. Considerando-se que 58% dos trabalhadores estão empregados em hotéis e pousadas, aproximadamente 8% da população acima de 18 anos de idade residente em Bonito estão empregadas no ramo hoteleiro, retratando a importância que este seguimento do setor turístico representa na geração de postos de trabalho no município.

A classe trabalhadora local, empregada no setor hoteleiro, é com-

posta, em sua maioria, por pessoas que tem uma afinidade muito grande com o município, seja por terem nele nascido ou por morarem no mesmo há muito tempo.

Dentre os trabalhadores entrevistados, 48,9% nasceram em Bonito, e se considerarmos aqueles originários de outras localidades, cabe destacar que 39,1% migraram de outros municípios do estado de Mato Grosso do Sul. Dessa forma, quase 70% destes trabalhadores nasceram em território sul-mato-grossense.

Considerando-se que o turismo bonitense tem se fortalecido nos últimos dez anos, constatou-se que, dentre os trabalhadores que não nasceram em Bonito, 54,4% moram no município há mais de uma década (Tabela 31). Somados àqueles que possuem naturalidade local, totalizam mais de 3/4 das pessoas que trabalham em hotéis e moram em Bonito desde a época em que o turismo ainda não tinha relevância na atividade econômica local.

Tabela 31 - Tempo que reside em Bonito.

Menos de 1 ano	De 1 a 5 anos	De 5 a 10 anos	Mais de 10 anos
6,5%	23,9%	15,2%	54,4%

Fonte: Pesquisa de Campo, 2004.

Dentre as localidades com maior fluxo de pessoas para o município de Bonito, à exceção do Mato Grosso do Sul, no que se refere aos trabalhadores em hotéis, são cidades dos estados de São Paulo e Paraná (Tabela 32).

Tabela 32 - Local de origem.

Mato Grosso do Sul	São Paulo	Paraná	Norte/Nordeste	Outros
39,1%	19,6%	15,2%	15,2%	10,9%

Fonte: Pesquisa de Campo, 2004.

O fato de os trabalhadores serem, normalmente, originários do

próprio município, ou morarem neste há mais de 10 anos, confirma que os mesmos nunca trabalharam no setor hoteleiro em outras localidades. Dos entrevistados, 92,2% afirmaram que foi em Bonito sua primeira experiência como empregados em hotéis.

Antes de ingressarem nas profissões do setor hoteleiro, diversas foram as atividades exercidas por esses trabalhadores. Para se fazer uma análise dividimos os entrevistados por sexo, pois existe uma grande diversidade entre as atividades exercidas pelas mulheres e pelos homens antes de ingressarem na atual profissão. A Tabela 33 mostra que a profissão mais exercida pelas trabalhadoras do sexo feminino antes do hotel era a de empregada doméstica em residências. As ex-domésticas totalizaram 31,6% das trabalhadoras, ou seja, quase 1/3 de todas as mulheres empregadas hoje nos hotéis. Mulheres que trabalhavam em bares e restaurantes somaram 15,8%, trabalhadoras no comércio 10,5%, sendo que, 5,3% eram autônomas e 12,2% exerciam outros tipos de profissão.

Tabela 33 – Atividade na qual trabalhava antes. (sexo feminino)

Doméstica	Só no hotel	Restaurante ou bar	Comércio	Autônomas	Outros
31,6	24,6	15,8	10,5	5,3	12,2

Fonte: Pesquisa de Campo, 2004.

Chama a atenção o fato de 24,6% das mulheres nunca terem trabalhado em outra atividade econômica, ou seja, o setor hoteleiro é sua primeira experiência profissional. Este total é composto principalmente por jovens que recentemente ingressaram no mercado de trabalho.

A pesquisa realizada demonstrou também que 65,9% das mulheres preferem o atual emprego, se comparado à antiga profissão que exerciam. Esses números são reflexos principalmente do grande número de trabalhadoras que eram domésticas, ou seja, trabalhavam em “casa de família”, normalmente contratadas como diaristas, não possuindo carteira assinada

e realizando uma jornada de trabalho que podia chegar a quatorze horas diárias. Essa extrema precariedade faz com que estas profissionais sintam-se hoje em melhores condições de sobrevivência.

Em relação aos trabalhadores do sexo masculino, nota-se uma distribuição uniforme entre as três principais atividades econômicas às quais estavam vinculados: 24,2% trabalhavam no comércio, 21,2% tinham uma atividade econômica própria e 18,2% trabalhavam em hotéis ou restaurantes. Percebemos também que 9,1% dos trabalhadores atuavam anteriormente como braçais e 6,1% exerciam outras atividades diversas (Tabela 34).

Tabela 34 – Atividade na qual trabalhava antes.(sexo masculino)

Comércio	Só no hotel	Atividade própria	Bar ou restaurante	Braçal	Outros
24,2	21,2	21,2	18,2	9,1	6,1

Fonte: Pesquisa de Campo, 2004.

Assim como as trabalhadoras, uma grande parcela dos empregados do setor hoteleiro do sexo masculino tem no hotel sua única atividade econômica até o momento, ou seja, nunca trabalharam em outras profissões.

Em relação à preferência pela atual atividade ou pela anterior, podemos perceber um menor grau de satisfação por parte dos homens, com 61,5% preferindo a atual profissão. Estes números são reflexo principalmente de um maior número de homens que possuíam um comércio próprio, onde conseguiam uma renda melhor.

Percebe-se no município de Bonito, poucas opções de trabalho, sendo o turismo, em muitos momentos, a única alternativa de seus habitantes conseguirem um emprego. Tal fato ficou comprovado quando questionamos os trabalhadores do setor hoteleiro sobre o que os levaram a ingressar nesta profissão. Diversas foram as respostas, com três merecendo destaque: 27,8% apontam a “falta de opção” como justificativa por

estarem trabalhando nos hotéis. A crise local da agricultura e o fato da pecuária gerar poucos postos de trabalho levam o trabalhador a se ver sem condições de escolha. A “oportunidade” de trabalho nos hotéis também se fez muito presente nas respostas, com 23,6% dos trabalhadores. Cabe destacar que a oportunidade de emprego normalmente irá surgir no turismo, em especial no setor hoteleiro, pois é um mercado de trabalho em franca expansão em Bonito. Outra resposta bastante citada é que “gostam da profissão”, também com 27,8% (ver Tabela 35).

Tabela 35 - Porque ingressou na profissão?

Falta de opção	Gosta	oportunidade	condições de trabalho/salário	Falta de escolaridade	Hotel é melhor alternativa	Outros
27,8%	27,8%	23,6%	5,5%	4,2%	4,2%	6,9%

Fonte: Pesquisa de Campo, 2004.

Outra característica muito comum dos empregados do setor hoteleiro em Bonito é uma pessoa trabalhar em apenas um estabelecimento. Sejam camareiras, cozinheiras, lavadeiras, garçons, eles normalmente possuem um vínculo empregatício com um único estabelecimento, onde executam toda a sua jornada de trabalho.

Como resultado da pesquisa de campo realizada, é possível apontar diversas características do atual contexto do mundo do trabalho em sua forma flexível presentes no setor hoteleiro em Bonito: crescimento da mão-de-obra feminina; extensas jornadas de trabalho; pequeno vínculo do trabalhador com a empresa; baixos salários; sindicatos pouco presentes; baixo índice de escolaridade dos trabalhadores; diversas pessoas trabalhando sem registro em carteira.

5.1 - Salários pagos aos trabalhadores no setor hoteleiro em Bonito

Os trabalhadores nos hotéis e pousadas em Bonito são representados pelo Sindicato dos Empregados no Comércio Hoteleiro e Similares de Campo Grande que, em 23 de outubro de 2003, definiu em convenção coletiva de trabalho, aprovada junto com a Federação Nacional dos Empregados no Comércio Hoteleiro e o Sindicato de Hotéis, Restaurantes, Bares e Similares do Estado de Mato Grosso do Sul, o piso salarial da categoria em R\$ 322,00, com vigência de 01 de novembro de 2003 a 31 de outubro de 2004. Este valor, portanto, deve ser o mínimo a ser pago a um trabalhador em hotéis por um mês de serviços prestados.

Analisando as informações sistematizadas a partir dos questionários aplicados, certamente a que mais impressiona é o baixo salário pago aos trabalhadores pelo setor hoteleiro em Bonito. A Tabela 36 aponta que 72,3% dos empregados nos hotéis ganham até R\$ 322,00 por mês e apenas 7,2% conseguem um salário superior a R\$ 500,00.

Tabela 36 - Remuneração salarial dos trabalhadores
no setor hoteleiro em Bonito-MS (em Reais)

Faixa salarial	Até 240,00	Acima de 240,00 a 322,00	Acima de 322,00 a 500,00	Acima de 500,00
Quantidade de trabalhadores (%)	7,2	65,1	20,5	7,2

Fonte: Pesquisa de Campo, 2004.

Não foi utilizado neste cálculo dados referentes aos diaristas, que totalizaram 7,8% das pessoas que trabalham no setor, pois estas não podem ser somadas ao total por não terem um salário fixo. É possível destacar, no entanto, que o valor de um dia de trabalho em um hotel, que normalmente extrapola 8 horas, custa ao empregador, aproximadamente, R\$ 20,00.

A Tabela 37 apresenta o nível de rendimento dos trabalhadores no Brasil e no Centro Oeste, mostrando que 44,8% dos trabalhadores brasileiros no ano de 1999 ganhavam até dois salários mínimos. Os números do Centro Oeste aproximam-se da média nacional, apresentando 48,5% dos trabalhadores nesta faixa salarial.

Tabela 37 - Distribuição dos assalariados por nível de rendimento – 1999

Nível de rendimento	Brasil (%)	Centro Oeste (%)
Até 1 salário Mínimo	18,2	16,2
Mais de 1 a 2	26,6	32,3
Mais de 2 a 3	20,7	20,4
Mais de 3 a 5	15,0	12,9
Mais de 5 a 10	12,1	11,1
Mais de 10 a 20	4,3	4,3
Mais de 20	1,9	2,3
Sem rendimento	0,2	0,1
Sem declaração	1,0	0,4
Total	100,0	100,0

Fonte: DIEESE, 2001.

Em Bonito, 89% dos trabalhadores nos hotéis ganham menos que dois salários mínimos, dessa forma, no ano de 2003, somente 11% dos funcionários deste setor da economia recebiam no final do mês, um salário igual ou superior a R\$ 480,00.

Os questionários aplicados junto aos trabalhadores locais em 2003 apresentaram como resultado uma média salarial para o setor turístico em Bonito de R\$ 339,52 pagos pelos hotéis no município, ficando este valor bem abaixo da média recebida por pessoas que normalmente exercem a mesma função em outras localidades do Brasil, como verificado na Tabela 38. Dessa forma, uma pessoa recebia para trabalhar em um hotel em Bonito, 84% do que um garçom recebia em média no Brasil, 80% do salário de um cozinheiro e somente 70% do valor pago a um recepcionista. Portanto, a já precária situação salarial das profissões relacionadas ao turismo verificada no Brasil, se faz ainda mais caótica em Bonito.

Tabela 38 - Salários pagos em algumas ocupações turísticas no Brasil (R\$ de Jun/03)

Ocupação	Salário(R\$)
Recepcionistas	482,85
Cozinheiros e assemelhados	421,53
Garçons, barmen e assemelhados	402,35

FONTE: RAIS/TEM. Relação Anual de Informações Sociais apud Ouriques (2004: 187)

Notas: Os salários apresentados foram pagos em 2001 e deflacionados pelo IPC – Média Geral, da FGV.

Os baixos salários pagos a esses trabalhadores, faz com que 25% deles exerçam outras profissões, seja em momentos de folga, seja após a jornada de trabalho nos hotéis e pousadas, como forma de complementação salarial.

5.2 - Extensas jornadas de trabalho

Pesquisa feita pelo DIEESE em seis regiões metropolitanas brasileiras apontou que grande parte da população (Tabela 39) trabalha acima de 45 horas semanais. As extensas jornadas executadas pelos trabalhadores representam, junto com a baixa remuneração, a principal característica da degradação da classe trabalhadora no mundo moderno.

Tabela 39 - Percentual de pessoas que trabalham mais que 45 horas semanais – regiões metropolitanas brasileiras

Belo Horizonte	Distrito Federal	Porto Alegre	Recife	Salvador	São Paulo
41,2%	27,1%	39,0%	47,7%	38,1%	42,4%

Fonte: DIEESE, 2001.

Em Bonito, a jornada de trabalho é muito extensa dentro do setor hoteleiro, com pessoas trabalhando acima do permitido por lei, superior à média das grandes metrópoles brasileiras citadas na Tabela 40. Diversas questões aplicadas aos trabalhadores apontam acúmulo de horas trabalha-

das pelos empregados do setor hoteleiro em Bonito, estando em desacordo com a lei que regulamenta a profissão.

Conforme o Sindicato dos Empregados no Comércio Hoteleiro e Similares de Campo Grande-MS, entidade que representa os trabalhadores no setor hoteleiro em Bonito, a jornada de trabalho:

Não pode ser superior a 7:20 horas diárias se trabalhar seis dias da semana com uma folga, tendo no máximo 44 horas semanais. (...) A jornada diária pode ser acrescida de 02 horas no máximo, mediante acordo escrito entre empregado e empregador, ou acordo ou convenção coletiva de trabalho.(SINDICATO DOS EMPREGADOS NO COMÉRCIO HOTELEIRO E SIMILARES DE CAMPO GRANDE-MS, 2003: 7).

Alguns pontos importantes para a compreensão da jornada de trabalho nos hotéis e pousadas em Bonito devem ser considerados, a começar pelo fato de que a maior parte dos trabalhadores, mais precisamente 53,9% conforme pesquisa de campo, trabalham 8 horas diárias. Uma pessoa que trabalhe 8 horas em um hotel, 6 dias na semana, acaba acumulando um total de 4 horas semanais de trabalho excedente.

Na Tabela 40, destaca-se um grande número de pessoas que trabalham 10 horas ou mais por dia nos hotéis e pousadas: 25,8% trabalham 10 horas; 10,1% trabalham 12 horas; 6,8% mais que 12 horas diárias. Portanto, 42,7% dos trabalhadores no setor hoteleiro em Bonito, encontram-se com um acúmulo de horas trabalhadas acima de 16 horas semanais.

Tabela 40 – Percentual de trabalhadores no cumprimento de horas trabalhadas na alta temporada em Bonito-MS

Menos que 8 horas/dia	8 horas/dia	10 horas/dia	12 horas/dia	Mais que 12 horas/dia
3,4%	53,9%	25,8%	10,1%	6,8%

Fonte: Pesquisa de Campo, 2004.

Este acúmulo de horas trabalhadas demonstra que a atividade turística em Bonito apresenta o mesmo grau de exploração da mão-de-obra que atividades tradicionais no município, como pecuária e agricultura.

Conforme a legislação trabalhista à qual os trabalhadores no setor hoteleiro em Bonito estão vinculados, uma pessoa que trabalha 6 dias semanais poderia trabalhar no máximo sete horas e vinte minutos diários. Essa é a realidade para apenas 3,4% das pessoas entrevistadas, contrastando com os 96,6% que cumprem uma jornada de trabalho excedente.

Um trabalhador do setor hoteleiro em Bonito pode trabalhar no máximo duas horas excedente por dia²¹, mediante recebimento de hora extra. Dessa forma, uma pessoa que trabalhe 6 dias semanais, exemplo mais encontrado em Bonito, não pode ultrapassar nove horas e vinte minutos diários de trabalho. Portanto, dentre as pessoas empregadas na atividade hoteleira, aquelas que trabalham mais que 10 horas diárias encontram-se acima deste patamar.

Alguns hotéis gratificam os trabalhadores com pagamento de horas extras de trabalho. No entanto, podemos afirmar que 46,7% dos trabalhadores do setor hoteleiro em Bonito não são remunerados pelo serviço excedente prestado. Cabe ressaltar novamente que esse excedente chega, em muitos casos, a 16 horas de trabalho semanais.

Outro fator a se considerar é a dupla jornada de trabalho das mulheres. Apesar de não compreenderem os seus afazeres domésticos como trabalho, a maior parte delas, quando chega em casa após extensas jornadas de trabalho, são obrigadas a fazer diversos serviços domésticos, como faxinar a casa, cozinhar e lavar roupas.

Constata-se, no entanto, com exceção dos diaristas²², que todos os demais trabalhadores em Bonito gozam de folga no trabalho. Foi observado também que os entrevistados afirmaram ter férias remuneradas uma vez ao ano. Estas folgas e principalmente as férias normalmente são negociadas entre empregado e empregador para que sejam usufruídas no período de baixa temporada.

21 Informação colhida junto ao sindicato que representa os trabalhadores do setor hoteleiro em Bonito.

22 Conforme pesquisa realizada 7,8% dos trabalhadores em Bonito são diaristas.

5.3 - Faixa etária do trabalhador

Uma das características da flexibilização nas relações de trabalho é a pouca presença de pessoas acima de 50 anos de idade no mercado de trabalho. As informações colhidas em campo sobre os trabalhadores nos hotéis em Bonito apontaram uma predominância de pessoas entre 20 a 39 anos de idade. Conforme apresentado na Tabela 41, 72,2% dos trabalhadores enquadram-se nessa faixa etária, com 11,1% tendo acima de 40 anos e 16,7% com até 19 anos de idade.

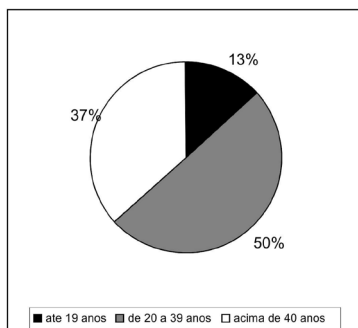
Tabela 41 - Idade dos trabalhadores no setor hoteleiro em Bonito.

Até 19 anos	De 20 a 29 anos	De 30 a 39 anos	Acima de 40 anos
16,7%	47,8%	24,4%	11,1%

Fonte: Pesquisa de Campo, 2004.

Observando-se o Gráfico 9, nota-se que a distribuição dos postos de trabalho conforme a idade dos trabalhadores no Brasil, considerando todos os empregos gerados no país, também possui uma tendência a empregar pessoas entre 20 e 39 anos.

Gráfico 9 - Distribuição dos ocupados no Brasil segundo idade - 1999



Fonte: DIEESE, 2001.

No entanto, enquanto esse gráfico aponta a faixa etária de 20 a 39 anos ocupando 50% dos postos de trabalho brasileiros, nos hotéis em Bonito estes números sobem para quase $\frac{3}{4}$ do total de trabalhadores. Com isso, os mais prejudicados são os trabalhadores acima de 40 anos de idade que, dentro do setor hoteleiro local, ocupam apenas 1/10 dos empregos. Essa falta de oportunidade para pessoas com mais de 40 anos fica ainda mais evidente em Bonito, quando comparamos os dados levantados nos hotéis e pousadas nesse município com a média nacional, que é de 37%.

5.4 – Trabalho feminino

A flexibilização das relações de trabalho no processo produtivo possui outra característica importante, que é o aumento da utilização de mão-de-obra feminina. A tradição cultural colocou o homem como responsável pelo trabalho e pelo sustento da família, ficando para a mulher a responsabilidade de cuidar da casa e dos filhos. Até meados do século XX esse foi um fator determinante para que poucas mulheres se aventurassem a procura de empregos.

A partir do momento em que começam a ingressar no mercado de trabalho, as mulheres enfrentam diversas barreiras a serem transpostas. De acordo com o DIEESE, (2001, 104) poucas mulheres alcançam cargos mais elevados no mercado de trabalho, sendo a elas destinadas as funções tradicionalmente ligadas ao perfil feminino, geralmente “associadas à educação de crianças e jovens; aos cuidados da saúde; aos serviços de limpeza; no trabalho social; no comércio de mercadorias e ou em atividades agrícolas”.

No Brasil, é crescente, nas últimas décadas, o número de mulheres no mercado de trabalho. Pesquisas apontam que “em 1973, eram cerca de 11 milhões, representando, então, 30,9% da PEA. Esse número triplicou até 1999, quando passaram a ser quase 33 milhões ou 41,4% das pessoas

no mercado de trabalho no Brasil, segundo a PNAD²³ (DIEESE, 2001, p. 104).

Grande parte dos empregos oferecidos pelos hotéis em Bonito envolve funções exercidas por mulheres, como camareiras, cozinheiras e lavadeiras, o que faz com que 63,3% das vagas existentes sejam ocupadas por pessoas do sexo feminino e apenas 36,7% sejam ocupadas por homens.

Durante a aplicação dos questionários foram entrevistadas pessoas que exerciam as mais diversas funções dentro dos hotéis. A Tabela 42 mostra a proporção de trabalhadores questionados por atividade exercida nos estabelecimentos hoteleiros.

Tabela 42- Função que exerce no setor hoteleiro em Bonito-MS

Função	Recepcionista	Camareira	Serv. gerais	Cozinheira	Garçom	Lava-deira	Café da manhã	Gerente	Outros
Trabalhadores (%)	25,6	20,0	14,4	11,1	6,7	5,6	4,4	3,3	8,9

Fonte: Pesquisa de Campo, 2004.

As diversas divisões de funções dentro dos hotéis em Bonito são mais evidentes nos grandes estabelecimentos, que conseguem contratar

23 Pesquisa nacional de amostragem domiciliar.

funcionários para exercerem uma única atividade. Em pequenas pousadas, que normalmente possuem de 01 a 03 funcionários, verifica-se uma divisão do trabalho menos definida. Nesses estabelecimentos concentram-se a maioria das pessoas que exercem a função de serviços gerais já que executam diversas atividades em uma mesma pousada e normalmente se responsabilizam por todos os serviços de limpeza, cozinha e lavanderia do local de trabalho, sendo esses empregos geralmente ocupados por mulheres.

Os números apresentados até agora comprovam que a atividade hoteleira em Bonito é composta em sua grande maioria por mulheres e essas, ao adentrarem no mercado de trabalho, são obrigadas a superarem um grande número de obstáculos. Observando pesquisa feita pelo Dieese em seis capitais brasileiras “em todas as regiões metropolitanas pesquisadas, o rendimento médio por hora de trabalho das mulheres representa entre 71% e 79% do recebido pelos homens” (DIEESE, 2001, p. 121).

No setor hoteleiro em Bonito, apesar de os salários pagos aos trabalhadores serem baixos tanto para homens como para mulheres, entre o sexo feminino tal rendimento é ainda pior. Se apenas 36,4% dos homens ganham mais que o salário mínimo da categoria, entre as mulheres este percentual cai para 19,2%, ou seja, mais de 80% das trabalhadoras empregadas nos hotéis ganham no máximo R\$ 322,00 por mês. Se elevarmos o teto salarial para dois salários mínimos nacional, que no ano de 2003 correspondia a R\$ 480,00, a desigualdade aumenta, com 18% dos homens contra 7% das mulheres ganhando igual ou acima deste valor. Desta forma, é possível perceber que apenas uma a cada quinze mulheres empregadas em hotéis e pousadas em Bonito consegue atingir ou ultrapassar a faixa salarial de R\$ 480,00 ao mês.

5.5 - Pequeno vínculo do trabalhador com a empresa

Em Bonito existe uma grande rotatividade de trabalhadores, que normalmente permanecem pouco tempo trabalhando em um mesmo ho-

tel. A Tabela 43 nos mostra que 23,6% deles trabalham há menos de um ano na ocupação atual, 27,8% de um a dois anos, 29,2% entre dois e cinco anos, e somente 19,4% há mais de cinco anos. Portanto, mais de 80% dos trabalhadores nos hotéis têm menos de cinco anos de experiência na área, o que é preocupante no que se refere à qualificação e à experiência..

Tabela 43 – Tempo de trabalho na ocupação atual

Tempo de Trabalho	Menos de 1 ano	De 1 a 2 anos	Mais de 2 a 5 anos	Mais de 5 anos
Percentual dos Trabalhadores	23,6%	27,8%	29,2%	19,4%

Fonte: Pesquisa de Campo, 2004.

5.6 - Grau de escolaridade dos trabalhadores

A baixa escolaridade de um trabalhador faz com que ele fique à mercê de atividades mais precárias, que exploram a mão-de-obra com maior intensidade. A Tabela 44 nos mostra o baixo grau de escolaridade dos trabalhadores no setor hoteleiro em Bonito.

Tabela 44 - Grau de escolaridade dos trabalhadores no setor hoteleiro em Bonito

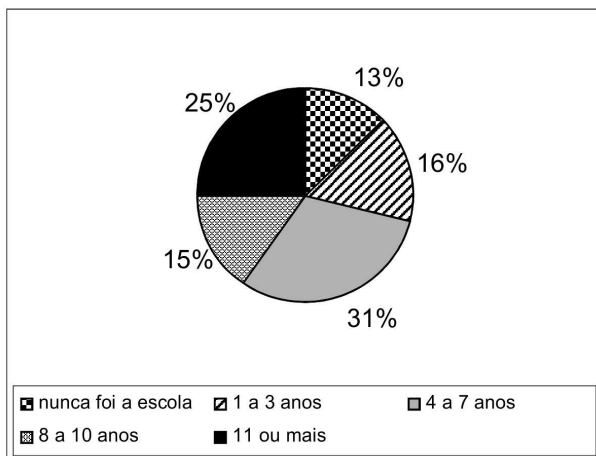
Grau de escolaridade	Nunca frequentou escola			Médio incompleto	Médio completo	Nível superior (cursando ou concluído)
Percentual dos trabalhadores	1,1%	43,3%	10%	6,7%	28,9%	10%

Fonte: Pesquisa de Campo, 2004.

Podemos verificar que 61,1% deles não completaram o ensino médio; 44,4% nem concluíram o ensino fundamental. É, portanto, uma massa de trabalhadores com baixa escolaridade, o que só faz diminuir as suas possibilidades de conseguirem melhores alternativas de trabalho no futuro.

O Gráfico 11 demonstra que o baixo grau de escolaridade não é um problema exclusivo do setor hoteleiro de Bonito, mas uma realidade da quase totalidade do território nacional.

Gráfico 11 - Distribuição dos ocupados no Brasil segundo nível de instrução - 1999



Fonte: DIEESE, 2001

A alta taxa de analfabetismo é mais uma característica presente nas novas relações de trabalho que se apresentam hoje no contexto global. Os hotéis em Bonito empregam poucas pessoas com alto grau de escolaridade, e os trabalhadores mais qualificados normalmente vêm de outras localidades, atendendo necessidade dos empregadores que não encontram mão-de-obra qualificada no município. Nos hotéis em Bonito, predominam empregos para camareiras, cozinheiras, garçons, lavadeiras, responsáveis por serviços gerais e recepcionistas, profissões que normalmente são ocupadas por pessoas com baixa escolaridade.

A falta de qualificação dos trabalhadores tem sido uma das maiores reclamações do setor hoteleiro sobre as dificuldades que os empreendimentos enfrentam em Bonito. Constatamos que 55,6% dos trabalhadores no setor hoteleiro não fazem ou nunca fizeram cursos profissionalizantes

na área em que atuam. Entre os profissionais que fazem cursos de treinamento, uma parte o faz gratuitamente, ou seja, o hotel em que trabalha paga os cursos. Entretanto, uma parcela de trabalhadores é obrigada a arcar com o pagamento dos mesmos. Os cursos são normalmente oferecidos pelo SEBRAE²⁴, sendo alguns particulares e outros oferecidos pela prefeitura. Os particulares são geralmente caros e os oferecidos pela prefeitura, além de pouco divulgados, dispõem de poucas vagas, conforme depoimento de alguns entrevistados. Os cursos normalmente são realizados no horário de trabalho, e como parte dos trabalhadores não são dispensados para capacitação, nem todos podem ter acesso.

Observa-se, nesse contexto, um duplo problema no setor hoteleiro em Bonito: de um lado, uma população com baixo nível de instrução, afetando muitas vezes a qualidade dos serviços prestados pelo setor; do outro, salários muito baixos sendo oferecidos aos trabalhadores, que desestimulam as pessoas a continuar ou voltar a estudar.

Recentemente instalou-se uma instituição de ensino superior no município de Bonito (FUNLEC) que oferece o curso de Turismo. Entretanto, no trabalho de campo realizado, percebeu-se que a vontade de muitos trabalhadores de cursarem a faculdade tem como obstáculo a dificuldade financeira para custear a mesma. Apesar de quase 30% dos trabalhadores nos hotéis já terem concluído o ensino médio, teriam dificuldades financeiras em frequentar uma faculdade ganhando R\$ 322,00 por mês, que é aproximadamente o valor de uma mensalidade do curso.

5.7 - Registro em carteira de trabalho

Uma significativa parcela dos trabalhadores no setor hoteleiro em Bonito não possui registro em carteira de trabalho, mais precisamente 31,1%, conforme nossa pesquisa de campo. Do total de pessoas entrevis-

24 Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas.

tadas (90 trabalhadores), 22,2% sequer possuem tal documento e sempre trabalharam na informalidade, sem nenhuma garantia trabalhista.

Há uma diferença na regularização trabalhista se considerados os diferentes tipos de estabelecimentos. Nos grandes hotéis em Bonito é mais comum serem encontradas pessoas com carteiras de trabalho assinadas, enquanto nos empreendimentos menores concentra-se a maior parte dos trabalhadores informais, tendo como justificativa por parte dos empregadores o fato dos contratados serem diaristas ou constituírem mão de obra familiar.

5.8 – As expectativas dos trabalhadores

A caracterização dos trabalhadores no setor hoteleiro em Bonito, que apresentamos até este momento, nos mostra quem são estas pessoas e a situação de precariedade vivenciada por elas no trabalho. Procuraremos agora fazer uma relação entre as condições de trabalho apresentadas e o grau de satisfação, o lazer e as expectativas em relação ao futuro por parte destes trabalhadores.

Dentre os pontos positivos apontados pelos trabalhadores em atuar nesta profissão, destaca-se o fluxo constante de pessoas nos hotéis vindos de outras localidades. Bonito recebe turistas de diversas regiões do Brasil e do mundo, portanto, circulam pelos hotéis, hóspedes com uma grande diversidade cultural. O fato de poderem estar em contato constante com esses turistas é um fator positivo, conforme os trabalhadores. Eles argumentam que aprendem muito e acham muito divertido conhecerem um grande número de pessoas todos os dias. Dessa forma, 81,1% destes trabalhadores afirmaram gostar de trabalhar nos hotéis e pousadas em Bonito.

O ambiente de trabalho favorável, criado pelos próprios empregados dos hotéis, também foi outro fator positivo mencionado pelos trabalhadores em Bonito. Conforme a maioria dos entrevistados, os laços de

amizade criados entre os trabalhadores, em alguns momentos, compensam os fatores negativos do trabalho na atividade.

Outros dois fatores fazem com que os trabalhadores respondam, apesar de todos os aspectos negativos que apresentamos nesta pesquisa, que gostam de trabalhar nos hotéis e pousadas em Bonito.

O primeiro refere-se à dificuldade de se encontrar alternativas de emprego no município, já que o turismo apresenta-se para alguns como a única alternativa profissional. O segundo fator está relacionado ao elevado número de mulheres nesta atividade, que, ou estavam desempregadas, ou possuíam funções ainda mais precárias, com salários ainda menores. Elas trabalhavam em sua maioria como domésticas, tendo que cumprir jornadas também extensas, por um salário que normalmente não ultrapassava R\$ 240,00.

Entretanto, as extensas jornadas de trabalho e os baixos salários pagos aos trabalhadores em Bonito, fazem com que eles, nos períodos de férias ou nos dias de folga, optem por passar seus momentos de lazer em casa com a família, como forma de descanso das duras rotinas de trabalho. Na Tabela 45, podemos visualizar que 57,6% agem dessa forma no período de férias, alegando que é o único momento em que tem tempo maior para se dedicar à família e descansarem um pouco para, posteriormente, retornarem à rotina do trabalho. Das mulheres que ficam em casa, parte aproveitam para “colocar a casa em ordem”, ou seja, trabalham no lar.

Tabela 45 - O que faz nas férias?

Descansa em casa (família)	Viaja	Trabalha em outra atividade	Estuda
57,6%	24,2%	15,2%	3,0%

Fonte: Pesquisa de Campo, 2004.

Nota-se também, que 15,2% utilizam-se das férias para trabalhar em outras atividades, fazendo dos denominados “bicos”, uma forma de conseguir neste momento uma complementação de renda. Do total de

trabalhadores, apenas um em cada quatro viaja no período em que tem férias no trabalho, aproveitando normalmente para visitarem familiares.

Os baixos salários pagos aos trabalhadores nessa categoria, praticamente excluem boa parte dos empregados no setor hoteleiro em Bonito da visitação aos atrativos turísticos locais. O alto valor cobrado para usufruir os atrativos locais não permite que uma faxineira que ganhe um salário base da categoria participe de um “passeio” que pode custar em média R\$ 100,00 por pessoa. Dessa forma, 58,3% alegaram não praticar turismo em Bonito, contra 41,7% dos trabalhadores que alegaram frequentar os atrativos.

Os trabalhadores do setor hoteleiro que visitam os atrativos turísticos locais, normalmente o fazem em época de baixa temporada. Uma parte dos grandes hotéis oferece pacotes a baixo custo, ou até gratuitos aos seus funcionários, para que esses possam conhecer os atrativos. Outras vezes esses pacotes são oferecidos pelos próprios atrativos, uma vez que, de posse do conhecimento de tais localidades, o trabalhador se torna também uma forma de propaganda dos locais que visitaram, indicando e aconselhando os passeios aos hóspedes que frequentam os hotéis. Alguns trabalhadores alegaram também, que frequentam os atrativos, em diversas oportunidades, a convite de turistas hospedados nos hotéis.

O local mais frequentado pelos trabalhadores em seus momentos de folga é o Balneário Municipal, que oferece entrada gratuita para os moradores do município. Destaca-se também o Balneário do Sol, com desconto de 50% para esses moradores²⁵, e outros atrativos que têm um preço relativamente baixo.

Quase 1/3 dos trabalhadores do setor hoteleiro em Bonito alegam não frequentar atrativos turísticos por não terem tempo para tal prática. Por possuírem apenas uma folga semanal no serviço, preferem utilizá-la

25 Com o desconto, os moradores de Bonito pagam R\$ 10,00 por pessoa para frequentar o Balneário do Sol.

com a família, para cuidarem dos afazeres domésticos e principalmente para descansar em casa. A nossa pesquisa de campo apontou que dos 58,3% dos trabalhadores que alegaram não praticar turismo no município, 53,7% diz não ter tempo, 29,3% culpam o alto preço dos atrativos, 14,6% não gostam e 2,4 alegaram outros motivos (Tabela 46).

Tabela 46 - Porque não pratica turismo em Bonito?

Não tem tempo	É caro	Não gosta	Outro
53,7	29,3	14,6	2,4

Fonte: Pesquisa de Campo, 2004.

Apesar de 56,7% dos trabalhadores entrevistados afirmarem querer continuar trabalhando no setor hoteleiro, percebe-se um grande número desses pretendendo trocar de profissão. Dos entrevistados, 43,3% afirmaram que pretendem parar de trabalhar em hotéis, e irem buscar uma atividade econômica mais gratificante. Dentre estes, um grande número gostaria de montar um estabelecimento comercial próprio em Bonito. Esta opção, aparentemente, não seria a mais aconselhável, já que existe um grande grau de dificuldade encontrado pelos pequenos empresários do setor hoteleiro em Bonito atualmente para fazerem seus estabelecimentos continuar funcionando.

5.9 – A moradia dos trabalhadores – a espacialidade das diferenças

O perímetro urbano do município de Bonito possui diversos bairros que o texto do plano diretor local agrupa formando seis setores para fins de planejamento e gestão da cidade. Utilizaremos desta divisão para apresentar onde residem os trabalhadores no setor hoteleiro.

Os setores definidos pelo plano diretor (Mapa 6) estão compostos da seguinte forma:

Setor 1: Vila Central; Vila Bela; Vila Cristina; Vila Rodrigues; Vila Santa Consorcia; Vila Roncisvale; Vila Rica.

Setor 2: Vila Donária; Cohab; Jardim Boa Vista; Loteamento Solar dos Lagos.

Setor 3: Vila Castilho; Vila América; Vila Andrade; Vila Sanches; Vila Silveira; Vila Caldeira.

Setor 4: Vila Andréa; Vila Recreio – BNH; Jardim das Flores; Loteamento Rio Formoso; Loteamento Portal do Rio Formoso; Loteamento Tarumã.

Setor 5: Vila Jaraguá; Vila Nossa senhora Aparecida; Vila Planalto; Parque Residencial Marambaia; Vila João de Barro I; Vila João de Barro II; Vila Coração; Vila Maruca; Vila Santo Ângelo; Programa Che Roga Mi; Vila Formosa.

Setor 6: Vila Machado.

Os trabalhadores no setor hoteleiro em Bonito residem principalmente na periferia da cidade, onde podemos verificar uma infra-estrutura precária (Tabela 47).

Tabela 47: Local de Moradia dos Trabalhadores

Setor 1	Setor 2	Setor 3	Setor 4	Setor 5	Setor 6
11,2%	29,6%	14,8%	-	29,6%	14,8%

Fonte: Pesquisa de Campo, 2004.

No Setor 4, bem como no Setor 1, que corresponde à área central da cidade, foram localizados poucos moradores que trabalhassem em hotéis. Esses setores têm como característica uma boa infraestrutura urbana se comparadas a outras localidades de Bonito.

A maior parte das pessoas que trabalham na rede hoteleira moram nos Setores 2 e 5, os mais populosos do município e que possuem precárias condições de infraestrutura para moradia. Os Setores 2 e 6 possuem

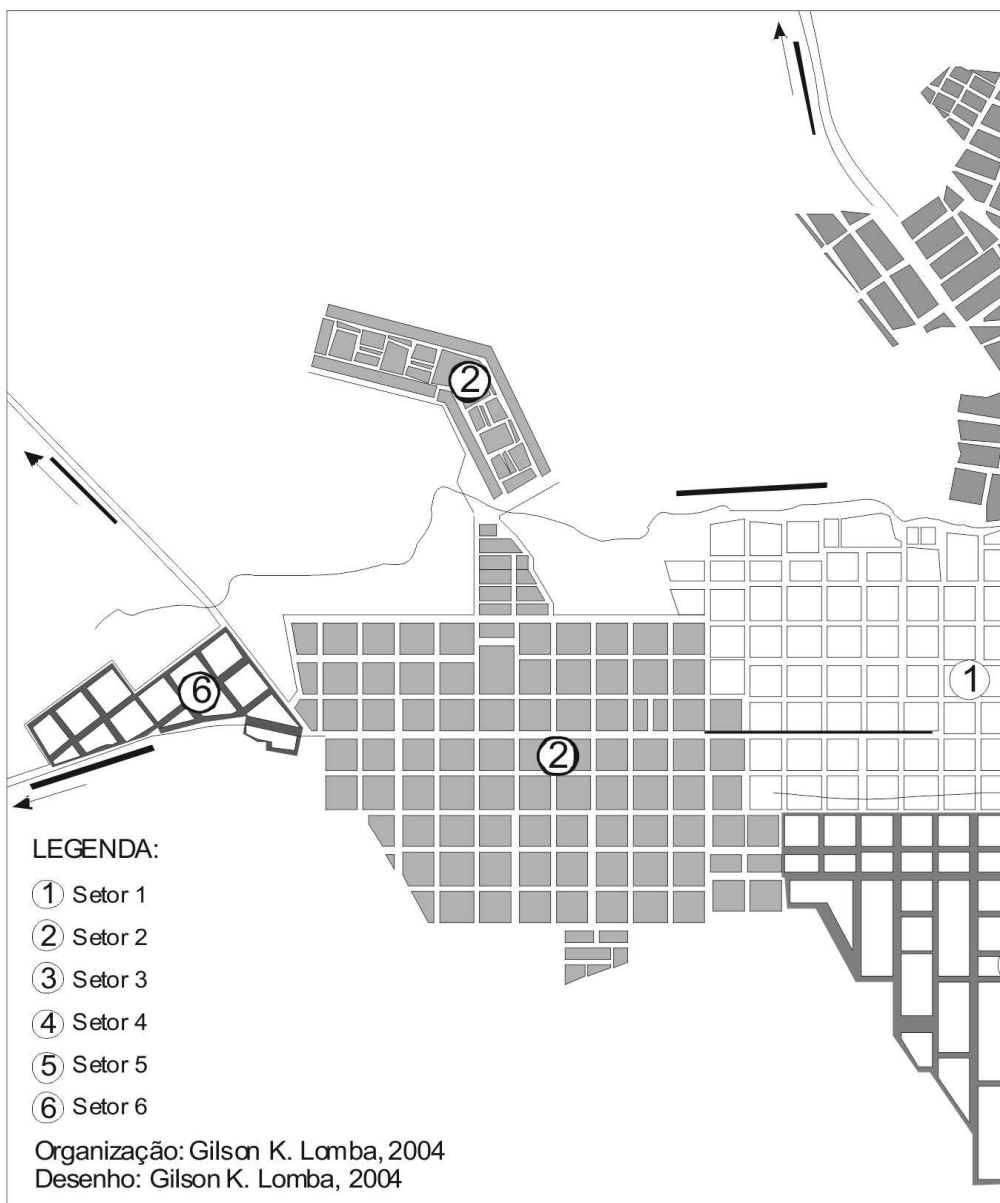
diversos estabelecimentos hoteleiros de grande porte, que são os principais geradores de postos de trabalho nos hotéis, com grande número de pessoas que moram em suas imediações trabalhando nestes empreendimentos.

Já o Setor 5, conhecido pela população como Bairro Rincão Bonito, o mais populoso da cidade, possui quase 30% da mão-de-obra empregada em hotéis e pousadas no município. Este bairro não possui condições adequadas para moradia, não possui asfalto e 80% do bairro não tem saneamento básico. Não há iluminação pública e a segurança é precária, além de faltar escola que consiga atender toda a população residente²⁶.

O centro urbano do município de Bonito, que tem como referência comercial a Rua Coronel Pilad Rebuá, possui uma aparência física agradável para que os turistas possam ter uma boa impressão da cidade. A área central contrasta com os locais de residência da maioria dos trabalhadores, normalmente bairros periféricos, com condições de moradia muito abaixo do satisfatório.

26 Estas informações foram colhidas em diálogos com os trabalhadores entrevistados e demais moradores dos bairros com os quais foram mantidos contatos.

Mapa 6: Divisão do perímetro urbano



CONSIDERAÇÕES FINAIS

O turismo trouxe para Bonito alguns benefícios como a geração de diversos postos de trabalho, debates relacionados à “preservação do meio ambiente” e o planejamento urbano com menores impactos. Neste contexto, podemos destacar além do plano diretor municipal, instrumento básico da política de “desenvolvimento” e ordenamento urbano do município, as diversas leis ambientais e de uso e ocupação do solo, que não são comuns em municípios do porte de Bonito no estado de Mato Grosso do Sul. Políticas como a existente em Bonito que determina uma taxa mínima exigida de permeabilidade do solo em um terreno em 50%, certamente é um avanço considerável em relação à legislação existente em outros municípios.

Com as transformações causadas pelo turismo surgem em Bonito entidades responsáveis pela gestão urbana, ambiental e turística. Neste mesmo contexto, ocorre no município, no ano de 1993, a implantação de uma lei que institui, na rede municipal de ensino, uma disciplina obrigatória para tratar a questão ambiental no currículo de primeiro grau, fazendo com que a população passe a ter um maior envolvimento com a temática ambiental. Evidente que leis e planos possuem falhas que em diversos momentos são questionados, mas o seu valor num contexto geral é importante frente a sua raridade.

Apesar das vantagens apresentadas, o setor turístico pode acarretar também alguns problemas, e são os moradores de uma localidade turística os que mais sofrem influência direta com esta atividade. Essas pessoas vêem seu lugar de morada transformado em função da intensificação da reprodução capitalista, voltada para o econômico, e não para a cidadania e para a sociabilidade.

É o que ocorre com a questão do trabalho no turismo, em especial dentro do setor hoteleiro em Bonito, pode ser apresentada e compreendida para além da geração de postos de trabalho, e, portanto, sua complexidade vai além da quantificação.

São comuns afirmações que o turismo é o setor da economia que mais emprega no mundo. Trata-se de uma atividade econômica em acelerada expansão, e que oferece normalmente muitas oportunidades de emprego, fazendo com que os salários pagos aos trabalhadores tenham um custo relevante no montante de despesas desta atividade, principalmente dentro do setor de hotelaria.

Essa expansão da atividade turística apesar de trazer benefícios aos trabalhadores, como a criação de diversos postos de trabalho acaba gerando pontos negativos como a qualidade dos empregos oferecidos. De todas as despesas verificadas em um empreendimento turístico, aquela que mais facilmente pode-se fazer redução de custos é na mão-de-obra, principalmente no que se refere a extensas jornadas de trabalho e ao pagamento de baixos salários.

Toda forma de trabalho faz parte de um processo de apropriação de mais-valia, seja por meio da agregação de valores a determinado produto produzido pelo trabalhador ou na venda direta da força de trabalho como mercadoria, que é o caso do setor de serviços. Portanto, para o capitalismo o que importa não é determinada forma de trabalho, mas sua capacidade de produzir, como trabalho assalariado, um lucro para o capitalista.

No decorrer desta obra foram destacadas diversas precariedades enfrentadas pelos trabalhadores que estão empregados em hotéis e pousadas em Bonito. Verificou-se também que normalmente estas condições de trabalho não são específicas deste município, mas estão presentes de forma similar em outras localidades em que o capital se reproduz, seja no turismo ou fora dele.

Assim, é possível concluir que o trabalho em hotéis e pousadas em Bonito é mais um exemplo da forma do capital se reproduzir, gerando concentração de renda nas mãos de poucos, normalmente do grande empresário, e distribuindo pobreza para a maior parte dos trabalhadores. Portanto, presenciamos um movimento contraditório de territorialização de uns e desterritorialização de outros.

O levantamento de informações sobre os salários pagos a trabalhadores no setor hoteleiro em outros municípios de pequeno porte, que têm no turismo uma importante fonte de renda, possibilita a comparação de Bonito com essas outras localidades que também exploram o turismo enquanto atividade econômica.

Em municípios turísticos como Brotas-SP e Balneário Camboriú-SC, os salários, apesar de superiores aos pagos em Bonito, ainda são muito baixos. Já os valores pagos em Pirenópolis-GO, conforme o Sindicato dos Empregados do Comércio Hoteleiro e Similares do Estado de Goiás, são de R\$ 290,00, portanto, abaixo dos valores pagos aos trabalhadores bonitenses. Essas informações demonstram que a baixa remuneração no setor turístico não é exclusiva de Bonito, mas é também comum em outros municípios brasileiros.

Os baixos salários pagos pelo setor hoteleiro em Bonito aos trabalhadores são reflexos também da pouca organização sindical deste segmento. Em contrapartida, outros setores envolvidos com a atividade turística no município estão organizados em entidades que os representam, como a Associação Bonitense de Hotéis, a Associação Comercial de Bonito, a Associação dos Atrativos Turísticos de Bonito, a Associação dos Transportes de Bonito, a Associação das Agências de Turismo de Bonito, a Associação dos Guias de Turismo, a Associação dos Operadores de Bote de Bonito e o Sindicato Rural, sendo que todos eles possuem representantes no Conselho Municipal de Turismo de Bonito (COMTUR), órgão responsável pelas principais ações políticas para o turismo no município.

Os segmentos citados, em sua maioria, representam o patronato, e estão relativamente bem organizados localmente, ficando os trabalhadores à margem dessa organização, estando vinculados ao Sindicato dos Empregados no Comércio Hoteleiro e Similares de Campo Grande-MS, com sede em Campo Grande, que representa os municípios do estado de Mato Grosso do Sul, com exceção de Corumbá/Ladário, Três Lagoas e Região

da Grande Dourados. Conforme representantes do sindicato na época da pesquisa, apesar de serem considerados baixos, os salários pagos aos trabalhadores não podem ser maiores em função de estarem vinculados ao sindicato vários estabelecimentos hoteleiros em municípios menores do estado de Mato Grosso do Sul, e que não teriam condições de pagar salários mais altos.

A existência de um sindicato dos trabalhadores no setor hoteleiro em Bonito, não garante a participação dos mesmos no Conselho Municipal do Turismo, mas poderiam ampliar a participação dos mesmos no destino do turismo local.

Esta situação é interessante para os grandes empreendimentos, que poderiam estabelecer acordos coletivos de trabalho para melhor remunerar seus funcionários mas não o fazem, chegando a pagar por um mês de trabalho de uma pessoa o correspondente a uma ou duas diárias no hotel. Os rendimentos dos grandes hotéis lhes dão condições de remunerar melhor seus funcionários, mas, pautados por lei, os empresários definem pagar um salário de R\$ 322,00, e raramente um estabelecimento foge a essa realidade. Dessa forma, um funcionário de um hotel cuja diária custa R\$ 400,00 recebe o mesmo salário que um trabalhador empregado em uma pequena pousada que cobra R\$ 15,00 a diária.

A precarização das relações de trabalho não é exclusiva da atividade turística, mas se faz presente na maioria das relações capitalistas de produção. Para o capitalista, não importa a forma de trabalho para a qual emprega as pessoas, mas sim, a diferença entre o preço que paga por um conjunto de trabalho para elaboração de uma mercadoria e o preço que recebe por essas mesmas mercadorias, sejam bens produzidos ou serviços prestados.

Os problemas que envolvem os trabalhadores não são exclusivos do setor turístico. Se observarmos a situação de trabalhadores na área alimentícia da Região da Grande Dourados, a média salarial paga nos maio-

res frigoríficos da região é de aproximadamente R\$ 400,00. Conforme o sindicato local dos trabalhadores nas indústrias de alimentação, os profissionais do setor enfrentam ainda outros problemas como grande número de acidentes de trabalho, doenças causadas por efeitos repetitivos no trabalho, mutilações, exposição a ambientes frios e agentes químicos nocivos.

Ao mostrar a precariedade do trabalho, cabe questionar o mito do turismo enquanto “modelo” e solução para o “desenvolvimento” do município de Bonito, em que o discurso hegemônico afirma que todos os atores envolvidos são beneficiados por ele. O turismo insere-se com ares de modernidade, ocupando territórios, produzindo estéticas e reinventando práticas econômicas e sociais.

Esta análise, enquanto produção geográfica ganha importância não ao quantificar o número de empregos gerados pelo turismo, mas ao tentar desvendar relações de trabalho que se estabelecem onde este se territorializa. Desta forma, cabe considerar a importância da relação capital/trabalho e seus desdobramentos nas territorialidades que se expressam em Bonito, especialmente no que se refere à precarização do trabalho.

A atividade turística se territorializa em Bonito sob os ditames do capital, distribuindo de forma desigual as riquezas produzidas pelo turismo, criando “mundos” diferentes para diferentes atores sociais. Enquanto o grande empresário acumula riqueza, o morador local tem apenas a possibilidade da venda da sua força de trabalho como forma de sobrevivência.

BIBLIOGRAFIA

- ANTUNES, R. *Adeus ao trabalho?* São Paulo: Boitempo, 1995.
- ANTUNES, R. *Os sentidos do trabalho*. São Paulo: Boitempo, 1999.
- ALVES, G. *O novo e precário mundo do trabalho*. São Paulo: Boitempo, 2000.
- ALVES, G. *Dimensões da globalização*. Londrina: Práxis, 2001.
- ALTVATER, E. *O preço da riqueza*. São Paulo: UNESP, 1995.
- BANDUCCI JR. Turismo da pesca e suas contradições no Pantanal Mato-Grossense. In: BANDUCCI JR., MORETTI E. C., *Qual paraíso? turismo e ambiente em Bonito e no Pantanal*. São Paulo: Chronos: Campo Grande: Ed. UFMS, 2001.
- BARRETO, M. Ciências sociais aplicadas ao turismo. In: LUCHIARI, M. T. de P. (Org). *Turismo e meio ambiente*. Coleção Textos Didáticos. Campinas: IFCH/ UNICAMP, n 31, v. 2, dez. 1997.
- BARRETO, M. As ciências sociais aplicadas ao turismo. In: SERRANO C.; BRUHNS H. T.; LUCHIARI M. T. (Orgs). *Olhares contemporâneos sobre o turismo*. São Paulo: Papyrus Editora, 2000.
- BATISTA, R. L., RENAN, A. (Org). *Desafios do trabalho: capital e luta das classes no século XX*. Londrina: Práxis, 2003.
- BAUMAN, Z. *Globalização: as consequências humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.
- BENEVIDES, I. P. *Turismo e prodetur: dimensões e olhares em parceria*. Ed. UFC: Fortaleza, 1998.
- BIHR, A. *Da grande noite à alternativa: o movimento operário europeu em crise*. São Paulo: Boitempo, 1998.
- BOGGIANI, P. C. Por que Bonito é bonito?. In SCREMIN-DIAS, E., POTT, V. J., HORA, R. C. e SOUZA, P. R., *Nos jardins submersos da Bodoquena*. Campo Grande: Ed. UFMS, 1999.
- BRAVERMAN, H. *Trabalho e capital monopolista*. Rio de Janeiro: LTC, 1987.

Bibliografia

CEBALLOS-LASCURÁIN, H. O ecoturismo como um fenômeno mundial. In: LINDBERG, K. e HAWKINS, D. E. (Eds.). *Ecoturismo: um guia para planejamento e gestão*. São Paulo: SENAC-SP, 1995, p. 16–22.

CHESNAIS, F. (org). *A mundialização financeira: gênese, custos e riscos*. São Paulo: Xamã, 1998.

COMTUR. *Pólo ecoturístico de Bonito*. Bonito, 2002 (xerografado).

DIEESE. *A situação do trabalho no brasil*. São Paulo: DIEESE, 2001.

GONÇALVES, C. W. P. *Os (des)caminhos do meio ambiente*. São Paulo: Contexto, 1989.

HAESBAERT, R. *O mito da desterritorialização*. São Paulo: Bertrand Brasil, 2004.

HIRST, P. e THOMPSON, G. *Globalização em questão*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1998.

JAKOBSEN, K., MARTINS, R e DOMBROWSKI, O. (Orgs.). *Mapa do trabalho informal*. São Paulo: Ed. Perseu Abramo, 2001.

LENCIONI, S. *Região e geografia*. São Paulo: Editora da USP, 1999

LOMBA, G. K. *Revelando o invisível: o mundo do trabalho na atividade turística em Bonito-MS*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Dourados, 2004.

LUCATO MORETTI, S. A. e ZANON, A. Atividade turística e planejamento ambiental nos municípios de Jardim e Bonito. *Revista de Geografia*. Campo Grande: UFMS, n 13, 2001, p. 5-8.

LUCHIARI, M. T. D. P. *O lugar no mundo contemporâneo: turismo e urbanização em Ubatuba-SP*. Tese de doutorado, IFCH-Unicamp, Campinas, 1999.

MACHADO, J. A. (Org.). *Trabalho, economia e tecnologia: novas perspectivas para a sociedade global*. São Paulo: Tendenz; Bauru: Praxis, 2003.

MALAGUTI, M. L. *Crítica à razão informal*. São Paulo: Boitempo, 2001.

MATO GROSSO DO SUL. *Perfil do município de Bonito*. Campo Grande: FIPLAN/MS, 1989.

- MATO GROSSO DO SUL. *Dados sobre o turismo em Bonito*. Campo Grande: Fundação de Turismo/MS, 2003.
- MÈSZÁROS, I. *Para além do capital*. São Paulo: Boitempo, 2002.
- MOESCH, M. *A produção do saber turístico*. Contexto: São Paulo, 2002.
- MOREIRA, R. Inovações tecnológicas e novas formas de gestão do trabalho. In: *Trabalho e tecnologia – UNITRABALHO*. São Paulo: UNITRABALHO, 1998.
- MORETTI E. C. *Pantanal, paraíso visível e real oculto: o espaço local e o global*. Tese de doutorado, Unesp, Rio Claro, 2000.
- MORETTI E. C. Atividade turística: produção e consumo do lugar Pantanal. In: BANDUCCI JR., MORETTI E. C., *Qual paraíso? turismo e ambiente em Bonito e no Pantanal*. São Paulo: Chronos: Campo Grande: Ed. UFMS, 2001.
- OURIQUES, H. R. *A produção do turismo: fetichismo e dependência*. Tese de doutorado, Unesp, Presidente Prudente, 2003.
- PADILHA, V. *Tempo livre e capitalismo*. Campinas, SP: Editora Alínea, 2000.
- POCHMANN, M. *O emprego na globalização*, São Paulo: Boitempo, 2001.
- POCHMANN, M. *Atlas da exclusão social, vol 2*, São Paulo: Cortez, 2003
- PREFEITURA MUNICIPAL DE BONITO-MS, *Apresentação do programa MPE ao pólo ecoturístico de Bonito-MS*. Bonito: xerografado, 2003.
- RODRIGUES, A. M. Desenvolvimento sustentável e atividade turística. In: LUCHIARI, M. T. de P. (Orgs.). *Turismo e meio ambiente*. Coleção Textos Didáticos. Campinas:IFCH/UNICAMP, n. 31, v. 2, dez. 1997.
- RODRIGUES, A. M. *Produção e consumo do e no espaço: problemática ambiental urbana*. São Paulo: Hucitec, 1998.
- RODRIGUES, A. M. O mito da sustentabilidade da atividade turística. In: BANDUCCI, Álvaro Jr e MORETTI, Edvaldo César. *Qual Paraíso? Turismo e ambiente em Bonito e no Pantanal*. Campo Grande: Editora UFMS, 2001.
- SANTOS, M. *Metamorfoses do espaço habitado*. São Paulo: Editora Hucitec, 1996.
- SANTOS, M. *A natureza do espaço*. São Paulo: Editora Hucitec, 1999.

Bibliografia

SINDICATO DOS EMPREGADOS NO COMÉRCIO HOTELEIRO E SIMILARES DE CAMPO GRANDE-MS. *Manual do direito do trabalhador*. Campo Grande: Neopress, 2003.

SILVA JR., J. R. e GONZÁLEZ, J. L. C. *Formação e trabalho*. São Paulo: Xamã, 2001.

SINGER, P. *Introdução à economia solidária*. São Paulo: Perseu Abramo, 2002.

THOMAZ JR., A. *Território em transe: metabolismo societário do capital e as mutações no mundo do trabalho*. Presidente Prudente, 2001(xerografado).

THOMAZ JR., *O mundo do trabalho e as transformações territoriais: os limites da leitura geográfica*. Presidente Prudente, 2002 (xerografado).

THOMAZ JR. Por uma geografia do trabalho. VI COLÓQUIO INTERNACIONAL DE GEOCRÍTICA. *Anais eletrônicos...* Barcelona, 2002. Disponível em: <www.ub.es/geocrit/c4-athoj.htm>.

URRY, J. *O olhar do turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas*. Studio Nobel/Sesc: São Paulo, 1996.

VARGAS, I. A. *Ecoturismo e desenvolvimento sustentável em Bonito-MS: elementos de análise para uma educação ambiental*. Campo Grande: Dpto. de Educação-UFMS, 1998.

